

**JULIANE ASSIS FIGUEIREDO**



**METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL**

**REFLEXÕES E COMPLEMENTAÇÕES**

Itabira

2013

**JULIANE ASSIS FIGUEIREDO**

**METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL**

**REFLEXÕES E COMPLEMENTAÇÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Rita Lages Rodrigues

Itabira

2013

Figueiredo, Juliane Assis, 1967-  
Metodologia para o ensino da ilustração infantil: reflexões e  
complementações – teoria e prática: Especialização em Ensino de Artes  
Visuais / Juliane Assis Figueiredo – 2013.  
66 f.

Orientadora: Rita Lages Rodrigues

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes  
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em  
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rodrigues, Rita Lages. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

**JULIANE ASSIS FIGUEIREDO**

**METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL**

**REFLEXÕES E COMPLEMENTAÇÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Orientadora: Rita Lages Rodrigues – EBA/UFMG

---

Professora Melissa Rocha – EBA/UFMG

Itabira

2013

*À Sara e a todos aqueles, que de uma forma ou de outra, contribuíram pra a  
realização deste trabalho*

## AGRADECIMENTOS

À Rita Lages Rodrigues, minha orientadora, por sua profunda sensibilidade em apontar, assertivamente e em pouco tempo, questões fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores por todo o conteúdo elaborado, a fim de ampliar nossos conhecimentos em Artes.

Aos tutores pelo profissionalismo, presteza e dedicação nos ensinamentos.

À Melissa Rocha, membro da banca examinadora, por suas considerações construtivas para a finalização deste trabalho.

A todos os organizadores e coordenadores do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – modalidade a distância – do programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais pela iniciativa ímpar de nos proporcionar um estudo de qualidade e valor.

Ao Antonio pelo amor, carinho e companheirismo.

À minha família pela confiança, incentivo e compreensão nos momentos de ausência.

À Sara por ser o estímulo e a luz da minha vida.

À Deus, enfim, por sua presença em todos os momentos.

*Conheça todas as teorias, conheça todas as técnicas, mas ao tocar a alma humana  
seja apenas outra alma humana.  
(Carl Jung)*

## RESUMO

Esta pesquisa pretende ser um subsídio teórico e prático tanto para professores quanto para alunos interessados na arte da ilustração. Ela faz a apresentação de uma metodologia de ensino da ilustração infantil para jovens e adultos, descrevendo suas atividades práticas e parte de sua teoria. Posteriormente a essa etapa, são selecionados alguns pontos relevantes, positivos e/ou negativos do conteúdo apresentado, para se fazer uma reflexão sobre eles, através de análise e crítica. Nessas reflexões, fazem-se readaptações à metodologia aplicada aos alunos do CENEX/EBA, em 2006. Alguns itens da teoria são estudados e complementados em seu conteúdo a fim de trazer uma outra maneira de expor o assunto. Novas sugestões de atividades práticas também são propostas. As readaptações metodológicas pretendem contribuir, para que o ensino da ilustração infantil aconteça de uma forma mais consistente e eficiente. Elas tentam fazer com que o aluno desenvolva sua criatividade para elaborar imagens, pensando nas inúmeras possibilidades gráficas, plásticas, físicas, visuais existentes nas interações entre texto, imagem e suporte. As complementações na metodologia em questão buscam um conteúdo teórico que privilegie a parte formal e conceitual da ilustração. São maneiras de enriquecer o repertório visual do aluno e trazer informações sobre o processo criativo do ilustrador, ajudando-o em sua própria concepção de imagens. Da mesma forma, as complementações na parte prática procuram apresentar atividades que favoreçam a intimidade do aluno com o ato de ilustrar e possibilite a ele desenvolver sua originalidade para criação de imagens.

**Palavras-chave:** Ilustração. Metodologia. Ensino.

## **ABSTRACT**

This research intends to be a theoretical and practical subsidy for both teachers and students interested in the art of illustration. It makes the presentation of a methodology of teaching illustration for teenagers and adults, describing its practical activities and part of its theory. After, some relevant points are selected, both positive and/or negative, in order to make an analytical and critical reflection on them. In these reflections, readaptations are made on the methodology applied to students from CENEX/EBA, in 2006. Some items of theory are studied and complemented in its contents in order to bring another way of putting it. New suggestions for practical activities are also proposed. The methodological readaptations are intended to contribute for the teaching of children's illustration to happen more consistently and efficiently. It tries to get the students to develop their creativity to produce images, thinking in the multiples graphic, plastic, visual and physical possibilities existing in the interactions between text, image and support. The additions in the methodology seek a theoretical content that privileges the formal and conceptual part of the illustration. These are ways to enhance the visual repertoire of the student and provide information about the creative process of the illustrator, helping him to design your own images. Likewise, the additions in the practice seeks to present activities that foster the intimacy of the student with the act of illustrating and allow him to develop his originality for the image's creation.

**Keywords:** Illustration. Methodology. Teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - <i>Escuta filho</i> - Ilustrações de Juliane Assis	31
Figura 02 - Estrutura física do livro - Ilustrações de Robson Alves de Araújo	36
Figura 03 - <i>A banguelinha</i> , Angela Lago	40
Figura 04 - <i>Cântico dos cânticos</i> , Angela Lago	40
Figura 05 - <i>A Festa</i> , Cláudio Martins	41
Figura 06 - <i>Pindorama</i> , Marilda Castanha	41
Figura 07 - <i>Picote</i> , Mário Vale	42
Figura 08 - <i>Crendices e Superstições</i> , Marcelo Xavier	42
Figura 03 - Exemplo de “boneca” de livro	39
Figura 04 - Planificação do livro - <i>A estrela e os poetas</i> , Anna Gobel	39
Figura 05 - <i>Cena de rua</i> , Angela Lago	40
Figura 06 - Trabalho de aluno - releitura do texto de Ana Maria Machado	40
Figura 07 - <i>A galinha que criava um ratinho</i> , Ana Maria Machado	41
Figura 08 - Ilustrações de aluna para o texto <i>Reflexo – primeiros poemas</i> , Ieda Dias	42
Figura 09 - <i>Três pontinhos</i> , Mário Vale. Efeito de continuidade, p. 15-16	43
Figura 10 - <i>Macao et Cosmage</i> , Edy-Legrand	44
Figura 11 - <i>Les larmes de crocodile</i> , André François, 1956	45
Figura 12 - <i>Onde vivem os monstros</i> , Maurice Sendack, 1967	46
Figura 13 - <i>Onde vivem os monstros</i> , Maurice Sendack	47
Figura 14 - <i>Onde vivem os monstros</i> , Maurice Sendack	47
Figura 15 - <i>Língua de trapos</i> , Adriana Lisboa, p.18	48
Figura 16 - <i>A bruxinha atrapalhada</i> , Eva Furnari	54

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ILUSTRAÇÃO, LIVRO DE IMAGEM E LIVRO-OBJETO	16
1.1 As mil e uma facetas da ilustração	16
1.2 Imagens que falam	25
1.3 O tridimensional no livro infantil	26
2 METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL	28
2.1 Os bastidores da <i>Oficina de ilustração de livros</i>	30
2.1.1 A produção artística do professor	30
2.1.2 Ilustração, livro e suas histórias	31
2.1.3 Estrutura física do livro	35
2.1.4 Técnicas próprias de ilustração	37
2.1.5 Algumas ilustrações	38
2.1.6 Etapas para produção da ilustração	41
3 METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES E COMPLEMENTAÇÕES	49
3.1 Apresentação do trabalho do professor e seu processo de criação	49
3.2 Ilustração, livro e suas histórias	52
3.3 A estrutura física do livro	56
3.4 Técnicas próprias de ilustração	58
3.5 Algumas ilustrações	59
3.6 Etapas para produção da ilustração com atividade prática	60
3.7 Livro de imagem	62
3.8 Livro-objeto	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	71

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar a metodologia que foi aplicada aos alunos do Centro de Extensão da EBA em 2006 para ensiná-los a fazer ilustrações infantis. O curso, cujo nome era *Oficina de ilustração de livros*, tinha a intenção de ensinar jovens e adultos não apenas a fazer ilustrações a partir de um texto, mas a pensar visualmente, graficamente e plasticamente também uma palavra, letra, tema ou cena. Dessa forma, o aluno seria levado a exercitar a habilidade criativa, expressiva e a imaginação para elaboração de imagens.

O primeiro capítulo desta pesquisa procura discorrer sobre as múltiplas possibilidades gráficas, plásticas, visuais da ilustração infantil como forma de ampliar os conhecimentos do aluno nessa área, bem como favorecer seu processo criativo. Vários autores, ilustradores e/ou autores-ilustradores, contribuem com seus conhecimentos e experiências sobre esse universo tão vasto que é a ilustração infantil. São colocadas algumas questões como: o que é ilustração? Quais são seus elementos gráficos e visuais que podem auxiliar na narrativa? O que é uma ilustração de qualidade? Quais são suas funções? Como se inicia um processo criativo? A experiência adquirida nas oficinas de ilustração que participei, bem como minha prática pedagógica em ilustração de livros e aquarela e meus conhecimentos em ilustrar livros, também contribuem para o conteúdo deste trabalho.

A ilustração é uma forma de expressão artística não-verbal, que acompanha um texto e sua função vai além de apenas informá-lo e enfeitá-lo. Ela pode expandir o sentido do texto de inúmeras formas, estimulando a criatividade da criança para descobrir um mundo de símbolos, signos, mensagens, significados, fazendo o pequeno leitor sentir prazer pela leitura.

Segundo Camargo (1995), a ilustração tem várias funções (representativa, descritiva, narrativa, simbólica, etc) que “não têm existência independente” (CAMARGO, 1995, p. 38). As funções da ilustração podem se entrelaçar e permitir o enriquecimento expressivo, plástico, visual do texto e da própria imagem. Conhecer as possibilidades visuais que a imagem de uma ilustração pode expressar dentro de um livro é oferecer ao aluno formas, procedimentos que possam expandir seu

processo criativo e imaginativo. O conhecimento e o estudo sobre as funções da ilustração citadas e analisadas teoricamente por Luis Camargo são uma forma de compreender melhor a ilustração, os diferentes caminhos que ela pode seguir enquanto expressão gráfica, plástica e visual, bem como contribuir para a expansão das alternativas poéticas em sua realização, não apenas nos livros com texto, mas também nos livros de imagem (livros sem texto).

É importante para o ensino da ilustração infantil uma metodologia que explore não apenas as relações da imagem com a linguagem verbal, mas também sua conjugação com o livro, suporte tridimensional repleto de possibilidades físicas e visuais, e com a própria imagem nos livros sem texto. Descobrir relações entre palavra e imagem, texto e imagem, livro-objeto e imagem, imagem e a própria imagem (livros sem texto), são as inúmeras possibilidades de criação oferecidas pelos diálogos verbais, não verbais e visuais, e que se tornam objetivos importantes a serem considerados dentro de uma metodologia em ilustração. Toda a pesquisa em torno desses assuntos visa expandir o conhecimento do aluno em relação à elaboração de imagens. Tais particularidades levam-nos a apresentar dois temas extremamente importantes quando o assunto é ilustração infantil: o livro-objeto e o livro de imagem. Esses temas serão abordados neste trabalho nos capítulos um e três, como uma maneira de complementar o conteúdo metodológico da *Oficina de ilustração de livros* e de trazer novos elementos, capazes de influenciar o processo criativo do aluno.

O livro-objeto extrapola plasticamente e expressivamente o suporte livro tradicional e seu conteúdo verbal. Ele traz novas alternativas ao livro em termos de visualidade, ludicidade, manipulação e tridimensionalidade, sendo essas algumas das características também próprias ao livro-objeto infantil. Seu design não convencional prima pela criatividade em seu conteúdo, forma, matéria e modos de leitura.

Livros de imagem contam uma história sem palavras. Eles possibilitam ao ilustrador construir uma variedade de modos de leitura para narrar a história, apenas com imagens. O autor da história é o próprio autor das imagens e isso permite muita liberdade para arquitetar o livro, como se fosse arquitetar uma cidade, construindo-o em sua totalidade (LAGO, 2009).

O capítulo dois faz a apresentação da metodologia desenvolvida na *Oficina de ilustração de livros*. Ela comportava a produção artística do professor, teoria e atividades práticas. É muito importante que o professor tenha experiência em arte e esteja em constante busca de conhecimento nessa área, pois é uma forma de enriquecer sua prática pedagógica. Foram apresentados em sala de aula os trabalhos do professor não apenas na área da ilustração infantil, mas também sua produção em pintura, desenho e aquarela. Conhecer, entender e absorver o trabalho artístico do professor, seu processo de criação, são para o aluno uma forma íntima e concreta de facilitar sua fruição artística, contribuindo assim para ampliar e/ou construir seus conhecimentos em ilustração.

A parte teórica dessa metodologia englobava conceitos referentes à palavra ilustração; pequeno estudo sobre sua história; a estrutura física do livro; técnicas próprias de ilustração; características das ilustrações de alguns ilustradores; etapas para produção da ilustração.

A atividade prática envolveu a construção de ilustrações para um texto de literatura infantil já publicado. Nessa fase, o aluno com base na teoria apresentada, em seus conhecimentos sobre ilustração, arte e em suas próprias vivências poderia iniciar seu processo de criação das ilustrações para o texto escolhido. Imagens em *Datashow*, livros e originais foram as formas utilizadas para exemplificar o conteúdo e aproximar ainda mais o aluno do universo da ilustração.

No capítulo três, posteriormente à apresentação da metodologia, foram realizadas reflexões sobre alguns de seus conteúdos, através de análise e crítica, como também pesquisas para complementá-los teoricamente, e novas atividades práticas. O livro de imagem e o livro-objeto são novamente apresentados, dessa vez como temas capazes de propiciar atividades em que o aluno possa desenvolver a sua criatividade no campo gráfico, plástico, físico e visual. Algumas das reflexões realizadas dizem respeito à importância da produção artística do professor como um conteúdo teórico, visual, matérico, capaz de ampliar os conhecimentos do aluno; às relações da pintura com a ilustração e suas possíveis influências no trabalho de ilustradores; à ilustração como principal elemento de conjunção entre leitor e texto.

Ainda no capítulo três vale salientar o pensamento de Rui de oliveira a respeito da relação entre a linguagem verbal e a ilustração:

O que pretendo, diante de um texto para ilustrar, não é ser mais que o escritor, é apenas não ser uma extensão dele em forma de imagens. Por outro lado, tenho consciência de que nem tudo o que a literatura nos diz possui um corpo físico. Ou seja, nem tudo pode ser ilustrado. Há momentos em que a abstração do texto chega a tal estado – não estágio – que qualquer imagem poderia vulgarizá-lo (OLIVEIRA, 2008, p. 153).

Encontrar soluções e propostas estéticas originais, interessantes, para trabalhar imagens é poder compreender e desenvolver as possibilidades visuais, de movimento, perspectiva, continuidade, e tantas outras em suas relações entre a linguagem verbal, a imagem e o livro. Conhecer todo o universo da ilustração é possibilitar ao aluno condições para que ele possa pensar e construir imagens capazes não apenas de trazer informação, mas também de despertar nos leitores a habilidade de recriar, imaginar, ir além da ilustração, do texto, da palavra e que incentivem a leitura.

Este trabalho se propõe a ser um subsídio teórico e prático para professores e alunos de artes visuais interessados pela arte da ilustração infantil. Apesar de não ter sido possível, por questões de espaço e tempo, apresentar na íntegra todo o conteúdo metodológico aplicado aos alunos da *Oficina de ilustração de livros*, mas de fazer reflexões referentes a apenas alguns de seus itens, este trabalho lança ideias, caminhos que podem direcionar o ensino da ilustração infantil. Apresenta uma metodologia, cuja complementação teórica e prática possa permitir ao professor desenvolver em seus alunos não apenas a habilidade criativa para ilustrar, mas a compreensão do livro como um todo, levando à construção e ampliação de conhecimentos em ilustração e todo o seu universo.

## 1 ILUSTRAÇÃO, LIVRO DE IMAGEM E LIVRO-OBJETO

Como ensinar o aluno a ilustrar um livro infantil é o que pretendia a *Oficina de ilustração de livros* que ministrei na escola de Belas Artes em 2006. Entretanto, a ilustração abarca um território imenso de informações, conceitos, técnicas, estilos, enfim uma série de peculiaridades, que precisavam ser selecionadas com critério para integrar a metodologia de ensino da *Oficina de ilustração de livros*. Alguns temas como o livro de imagem e o livro-objeto não puderam ser desenvolvidos e trabalhados por questões de tempo – a oficina tinha uma carga horária de 60 horas/aula. Optei por desenvolver com os alunos ilustrações para um texto determinado, onde eles pudessem trabalhar a imagem e a palavra pensando o livro como um objeto tridimensional, cheio de possibilidades gráficas, plásticas e visuais.

O termo ilustração, em particular, a todo o momento está presente neste trabalho por tratar-se da apresentação e reflexão de uma determinada metodologia para o seu ensino. Para adentrarmos em seu amplo universo é feita uma pequena introdução ao assunto através de questões relacionadas ao processo criativo do ilustrador, alguns apontamentos sobre o ensino da ilustração na oficina que ministrei e novas sugestões para ensiná-la, as possibilidades visuais da ilustração dentro do livro e as funções desempenhadas por ela, de acordo com Luis Camargo.

O livro de imagem e o livro-objeto são formas ricas de se trabalhar a ilustração e a narrativa para livros infantis, portanto fazem-se aqui breves análises destas duas maneiras de se narrar uma história: a primeira utilizando o recurso único da imagem e a segunda utilizando o próprio livro enquanto objeto, um suporte físico, com materialidade. Essas análises propõem esclarecer seus conceitos e ao mesmo tempo fazer uma ligação com o livro tradicional. É também, principalmente, uma forma de se propor uma futura metodologia com atividade prática focada na produção de ilustrações infantis para um livro de imagem e livro-objeto. O terceiro capítulo terá uma parte destinada a esses dois assuntos.

### 1.1 As mil e uma facetas da ilustração

Para ensinar e praticar a arte de ilustrar livros infantis é preciso penetrar no mundo da ilustração, mergulhar nos caminhos que um ilustrador pode seguir em relação à técnica, às possibilidades de criações visuais e plásticas tanto no espaço vazio do papel, quanto no próprio livro, enquanto objeto tridimensional. Logo, fazer o aluno analisar essas ramificações, os significados dessa palavra, entender o real conceito do que seja ilustrar, conhecer seus elementos gráficos e visuais, suas funções, técnicas e várias outras particularidades é uma maneira de ajudá-lo a decidir qual caminho o seu trabalho irá seguir.

Diante deste vasto universo que é a ilustração, procurei construir uma metodologia que ensinasse a ilustrar, envolvendo parte do seu conteúdo. A prioridade da oficina que ministrei no CENEX/EBA se direcionava, com maior intensidade, para a atividade prática, a criação de ilustrações com uma técnica específica com finalização em arte final. Esse processo necessitava de um tempo maior que a teoria em si, visto que era importante a minha orientação em sala de aula para questões relacionadas à técnica, composição, contexto das imagens, etc. Alguns alunos não tinham experiência suficiente para desenvolver sozinhos os seus trabalhos, por outro lado era também um propósito da oficina a orientação individual.

O ilustrador diante de um texto coloca a sua subjetividade, a sua imaginação, as suas vivências, a sua maneira de ver o mundo, transformando todo o seu repertório emocional em imagens. Da mesma forma, ao agregar seus conhecimentos de vida aos discursos gráficos e visuais que a ilustração e o livro oferecem, o aluno terá em mãos o seu arsenal teórico. Mas como ele iniciará o seu trabalho de criação?

Para Campos (2008), inexistente uma resposta precisa sobre como iniciar um processo criativo, pois é um assunto de extrema subjetividade. Para ela a solução é apenas “sentir” o texto e esperar que ele possa conduzi-la a liberar sua imaginação.

Na oficina de ilustração que ministrei procurava mostrar ao aluno as particularidades da ilustração como forma de fortalecer a sua intuição para a criação de imagens.

Toda criação artística tem seu inexplicável. O ingrediente mágico responsável por isso é a meu ver, a intuição. Ela traça um caminho que o

artista apenas percorre. O fortalecimento da intuição é fundamental para quem se propõe a criar (XAVIER, 1991, p. 43).

Lima (2008, p. 199), a respeito do processo criativo do ilustrador comenta:

O domínio dos elementos da linguagem plástica e o uso adequado dos materiais selecionados (aguadas transparentes, guaches [...]) permitem ao ilustrador transformar o espaço vazio do suporte em que atua em composições mais ou menos elaboradas de formas, figuras, espaços, cores, e criar imagens que, inspiradas no texto, valem por si mesmas e ditam o estilo pessoal do criador.

De acordo com Oliveira (2008, p. 39) “frequentemente o virtuosismo estilístico da imagem [...], enamorada de si mesma, torna o livro infantil uma obra de arte digna das paredes de uma galeria ou museu”. Ilustrações desse tipo não emocionam a criança, e nem se tornam atrativos visuais para elas, agradam mais aos adultos que buscam cultura e informação (OLIVEIRA, 2008). O primor técnico e o uso dos elementos gráficos de forma competente, não são suficientes para criar uma ilustração que cause impacto e empatia no leitor. É preciso que o ilustrador seja verdadeiro com as suas próprias imagens para que elas tenham qualidade (CAMPOS, 2008).

Diante da pessoalidade que envolve o ato de criar é mesmo importante colocar o aluno diante de algumas questões sobre o campo da ilustração: o que é uma ilustração? Quais são seus elementos gráficos e visuais? Quais são as suas funções? E o livro, o que ele pode oferecer ao ilustrador enquanto objeto tridimensional? Dessa forma estamos estruturando o aprendizado do aluno, através de fundamentos sólidos, para que o seu emocional possa fluir de forma satisfatória. Essas perguntas foram esclarecidas na *Oficina de ilustração de livros* principalmente com o uso de imagens e com o manuseio do próprio livro. Quando o aluno tem um livro em mãos ele pode perceber mais claramente um movimento, a perspectiva gerada pelo virar das páginas, um efeito de continuidade, relacionar o ângulo da página com o próprio contexto da história.

Apesar de toda a liberdade que o ilustrador pode ter em seu processo de criação (escolha da técnica, estilo, traço, etc), ele precisa estar consciente sobre a parcialidade que envolve o ato de ilustrar. “Como produto industrial, o livro infantil

está sujeito a imposições técnicas e pedagógicas, é resultado de um trabalho artístico e cooperativo [...]” (LINS, 2002, p. 44).

Pensando o livro como um produto feito em conjunto, ofereci aos meus alunos um exercício prático com textos de diversos autores, e “bonecas”<sup>1</sup> com espaços em branco pré-determinados para ilustração. O aluno poderia escolher, a seu critério, um dos textos e refazer ou não a disposição dele pela “boneca”, construindo outros espaços para as ilustrações. Essa foi uma forma de trabalho que poderia servir de desafio para o aluno iniciar em seu processo de criação, pois ao estabelecer os espaços em branco ele já seria levado a pensar visualmente e/ou parcialmente nas imagens que iriam compor as páginas.

Ilustradores e programadores visuais têm grande responsabilidade de transformar o livro em contemplação estética e de “[...] criar a memória e o passado visual de seus leitores, mas acima de tudo formar e educar o olhar” (OLIVEIRA, 2008, p. 45).

A ilustração é uma janela para a criança se debruçar e dar asas a sua imaginação. Na infância, a fantasia, a criatividade e também a aprendizagem pertencem a essa fase da vida, logo ilustrações não servem apenas para o entretenimento e encantamento da criança, mas contribuem ainda para alfabetizá-la visualmente. Para Oliveira (2008, p. 29),

a alfabetização visual proporcionaria à criança, não apenas uma leitura melhor, mas também valorizaria a importância e a beleza das letras, dos espaços em branco, das cores, da diagramação das páginas e da relação entre texto e imagem.

Para o aluno, toda esta multiplicidade diferenciada de conceitos em torno da ilustração, não apenas abrem portas sobre as possibilidades gráficas, plásticas e visuais possíveis para ilustrar um livro, como também contribuem para que ele possa ir ao encontro da sua originalidade. E para favorecer esse aprendizado, procurava frequentemente, em minhas aulas, oferecer livros diferentes, para exemplificar questões relacionadas às ilustrações.

---

<sup>1</sup> “Boneca” ou “boneco” é um protótipo do livro, um modelo daquilo que se pretende como resultado final.

Metaforicamente, o ato de criação, de buscar uma ilustração para um determinado texto é como um mergulho em águas pardas e profundas do mar. À medida que mergulhamos no universo das palavras, vamos encontrando uma imagem nova, recuando encontramos aquela que ficou despercebida, avançando um pouco mais, à luz de nossa lanterna emocional, visualizamos a verdade do escritor. Como disse Oliveira (2008, p. 50), “é nesse espaço vazio, indefinido, nessa área crepuscular entre uma palavra e outra, que se localiza a ilustração”. A cada vez que lemos e releemos um texto, renovamos nosso repertório visual com novas ideias, novos elementos, trazendo outra interpretação textual, que pode contribuir para a concepção da ilustração.

Os espaços vazios do texto são aqueles existentes entre as palavras. O que se encontra nas entrelinhas pode tornar-se relevante para ser ilustrado. Trazer à tona o desconhecido é enriquecer o texto e expandir o seu discurso verbal.

Por consequência, “nem tudo pode ser ilustrado” (OLIVEIRA, 2008, p. 49). Deve-se evitar, por exemplo, transformar uma palavra abstrata em imagem visual. Por vezes, a abstração carrega em si a característica de ser vaga, obscura, ao contrário da ilustração que é concreta, logo se torna difícil encontrar uma equivalência, uma imagem que descreva o abstrato. Uma ilustração nesse caso poderia gerar conflito entre o que o leitor imagina ser, e o que realmente está representado (OLIVEIRA, 2008).

Além das entrelinhas, é importante apresentar como possibilidades visuais o recurso do ruído na ilustração. Mendes (2007, p. 100) relata que Angela Lago

cria histórias paralelas, imagens que possuem dentro de si mesmas outras imagens, textos gráficos que se relacionam com textos impressos. Ela não padroniza a formatação do texto, não utiliza o mesmo tipo de fonte, nem enumera as páginas.

Geralmente o ruído é considerado um componente negativo num sistema de comunicação, pois gera ambiguidade. Na obra de Angela Lago, porém, Mendes (2007) o define como sendo um recurso poético, um elemento que amplia as possibilidades do discurso visual. (ANEXO A)

Lago cria desorientações em suas ilustrações a favor do lúdico, para que o leitor possa ou não participar do jogo (ANEXO B). Esses ruídos, entretanto, não são absolutos. Ao mesmo tempo em que criam novos significados ao texto e trazem desafios ao leitor, eles podem perfeitamente serem abandonados, sem interferir na leitura da história principal (MENDES, 2007).

Estas particularidades da ilustração relacionadas ao lúdico são bastante interessantes de serem exploradas pelo aluno, pois podem tornar-se verdadeiros desafios de concepção de ilustrações, diagramação de texto, etc. Para a criança, esses elementos desenvolvem a imaginação, a criatividade e o prazer pela leitura. De acordo com Lago (1996), são emoções colocadas no livro por meio do desenho, da diagramação, das palavras, letras, etc (ANEXO C). Para exemplificar esse tipo de discurso narrativo, apresentei em sala de aula os livros *22 Brincadeiras de Linhas e Letras* de Leo Cunha, *De Morte e Sua Alteza Adivinha*, ambos de Angela Lago.

Cada ilustrador possui uma opinião a respeito do significado da palavra ilustração, ou seja, têm um ponto de vista sobre a função que ela pode exercer no livro. Como disse Oliveira (2008, p. 84), “o desenho é como se fosse uma caligrafia, e todos temos a nossa”. Nesse sentido as orientações individuais tornam-se necessárias, pois o aluno pode ter uma boa ideia, mas não ter conhecimento de como adequá-la ao texto, seja através do desenho ou mesmo da técnica. O professor pode sugerir ilustradores que tenham um estilo de criação que se aproxime da ideia inicial do aluno para pesquisa e análise, como uma alternativa de ensino.

Para Angela Lago (2008) uma ilustração infanto-juvenil de qualidade seria aquela que pudesse trazer um desenho surpreendente e com humor. Já Maurício Veneza (2008), a respeito da beleza de uma ilustração, ressalta que ela não deve ser o avaliativo máximo para revelar se um desenho é bom ou ruim. A originalidade e a riqueza de ideias são o mais importante. Ana Terra (2008) comenta sobre a criação de uma ilustração que não deve ser infantilizada apenas por ser dirigida a um público infantil, mas sim criar imagens que façam parte do universo da criança.

Segundo Camargo,

Pensamos que um mapa explica, melhor do que um texto, o percurso de um rio; pensamos que desenhos tornam um livro mais atraente, principalmente aos olhos infantis. Daí a ideia de que o papel da ilustração seja informar e enfeitar. Mas serão apenas essas as funções da ilustração? (CAMARGO, 1995, p. 30).

Se pesquisarmos em dicionários os significados da palavra ilustração, ornar e esclarecer um texto são aqueles que mais aparecem evidenciados. Mas existem muitas outras funções que são atribuídas à ilustração, além de ser uma mera imagem que acompanha, explica e ornamenta um texto.

Fittipaldi (2008, p. 113-114) argumenta que “as duas funções mais frequentemente atribuídas às ilustrações são as de explicar e ornar um texto”. Segundo ela, a função de ornar, “quase sempre vista como mera atitude decorativa da página”, para “agradar a percepção”, pode chegar a um conceito mais refinado dentro do livro, deixando de ser um simples enfeite para se tornar um elemento de expressividade no texto. Nas culturas primitivas e na Antiguidade Clássica, por exemplo, o decorativismo diferenciava a classe social de um indivíduo; tornava o corpo do guerreiro temível para os inimigos.

Para Hunt<sup>2</sup> (2010 apud GUIDIO; ALENCAR, 2013,) “a ilustração altera o modo como lemos o texto verbal”. Guidio e Alencar (2013) descreveram que essa alteração, poderia acontecer expandindo ou mesmo retraindo o sentido do texto para o leitor. No livro *Flicts* de Ziraldo podemos perceber essa afirmação quando o desenho transpõe as palavras. O exemplo no ANEXO D mostra a ilustração expandindo o sentido do discurso verbal: a turma toda feliz/saindo para o recreio (ZIRALDO, 2005) é uma analogia que se faz ao arco-íris, pois essa palavra não é mencionada na página. No entanto, o fato da ilustração mostrar um arco-íris, pode impedir a imaginação do leitor em buscar outras associações ou sentidos para o texto. Por outro lado, nas páginas seguintes a informação visual do arco-íris é desfeita e devolvida ao leitor em outros formatos, com outras aparências. Dessa forma, a ilustração traz novas possibilidades visuais, levando o leitor a fazer outras relações dentro do discurso visual-verbal (ANEXO E).

---

<sup>2</sup> HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Trda. C. Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Camargo (1998) relata que a ilustração pode exercer, no livro infantil, onze funções<sup>3</sup>: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalinguística, fática e pontuação. Um detalhe importante relacionado a uma imagem é que dificilmente ela desempenha uma única função ou todas ao mesmo tempo. Elas estão sempre presentes na literatura infanto-juvenil, algumas são mais dominantes e claras de se observar, enquanto outras aparecem com menos intensidade. Todas essas funções podem estabelecer relações entre si e raramente aparecem nas ilustrações de forma isolada.

Ao analisar tais funções, Camargo (1998) conclui que as ilustrações devem manter uma relação de sentido com o código escrito.

Se entendemos que a ilustração é uma imagem que acompanha um texto e não seu substituto; e se entendemos que a relação entre ilustração e texto não é de paráfrase, glosa ou tradução, mas de coerência, então abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, convergência esta que não limita a exploração de linguagem visual, mas, ao contrário, pode incentivá-la. (CAMARGO, 1998, p. 167).

Nesse sentido, a presença das ilustrações adquire uma importância fundamental para o texto direcionado à criança, pois estimula a imaginação e auxilia na construção e entendimento da narrativa.

Camargo (1998) descreve sobre as funções que a ilustração pode ter:

Função representativa: ou figurativa, a ilustração representa formas reconhecíveis para quem a visualiza. Ela imita ou inventa o ser ou objeto a que se refere (ANEXO F).

Função descritiva: a ilustração detalha a aparência de objetos, cenários, personagens, animais, etc (ANEXO G).

Função narrativa: é como se os desenhos tivessem continuidade, seguindo uma sequência que ajudam a contar a história, cena ou personagem. A ilustração mostra transformações sofridas pelo ser representado ou ações realizadas por ele. Ela se assemelha à função descritiva, e em um texto as duas se interagem. Segundo Camargo (1998, p. 45), há “diferentes graus de narratividade, por exemplo, narrar

---

<sup>3</sup> Neste primeiro capítulo descrevo, de acordo com Camargo (1998), onze funções da ilustração. No capítulo dois, cito apenas oito funções descritas por Camargo (1995), que foram as referências utilizadas para elaborar a metodologia para a *Oficina de ilustração de livros que ministrei em 2006*.

uma história, uma cena ou uma ação, ou apenas sugeri-las”. “A imagem é eficaz na qualidade de narrativa, mesmo quando isolada do texto” (NECYK, 2007, p. 58), porém sempre dentro de um contexto previamente conhecido pelo leitor (ANEXO H).

Função simbólica: sugere ideias, significados sobrepostos aos referentes (ANEXO I).

Função expressiva: a ilustração revela a expressão, emoções, sentimentos e valores dos seres representados, como também do próprio ilustrador (ANEXO J).

Função estética: enfatiza a maneira como foi realizada a ilustração, chamando a atenção para a plasticidade dela, como cor, linha, espaço, luz, sombra e outros recursos (ANEXO K).

Função lúdica: a ilustração está direcionada para o jogo, estimulando o leitor a participar da brincadeira, a se divertir. O humor, a caricatura estão presentes nesse tipo de ilustração (ANEXO L).

Função conativa: a ilustração tende a influenciar o comportamento do leitor (ANEXO M).

Função metalinguística: a ilustração se refere a ela mesma (ANEXO N).

Função fática: a ilustração está orientada para o seu próprio suporte tornando-o parte do discurso visual (ANEXO O).

Função de pontuação: a ilustração está a serviço do texto, quando sinaliza seu início, meio, fim, suas partes em geral. Ela promove pausas, destaca elementos, cenas, passagens. Basicamente a vinheta, a capitular e o “cabeção”<sup>4</sup> são as ilustrações que se encarregam de fazer as pontuações no texto (ANEXO P).

Uma das formas que o aluno tem para elaborar a sua ilustração, é saber determinar qual o tipo de impacto que o seu discurso visual pode proporcionar ao leitor: uma ilustração persuasiva? Uma ilustração mais simbólica? Uma ilustração que explore vários conceitos das funções apresentadas? São muitas as possibilidades. Cabe ao aluno adequar essas funções ao seu ponto de vista em relação ao texto. Definir qual é a sua intenção para a história a ser ilustrada. Saber refletir, por exemplo, se ele usará a cor a favor da expressividade da sua ilustração, ou metáforas para compor

---

<sup>4</sup> Vinheta é uma ilustração pequena; capitular é a letra que inicia um capítulo ou poema; “cabeção” é uma vinheta que ocupa o alto de uma página de começo do capítulo.

as cenas, ou algum outro elemento e assim por diante. Pensar nas funções da ilustração como possibilidades gráficas, plásticas e visuais é uma alternativa para o aluno iniciante praticar a ilustração e usá-las para estabelecer relações com o texto.

É importante salientar que muitas vezes o discurso gráfico-plástico-visual torna-se o único elemento realizador da ponte leitor-texto, ou seja, isso acontece quando a história é contada apenas por imagens.

## 1.2 Imagens que falam

“Livros de imagem são livros sem texto. As imagens é que contam a história. Os livros com pouco texto, em que o papel principal cabe à ilustração, também podem ser chamados de livros de imagem” (CAMARGO, 1995, p. 70).

Angela Lago (2012, p. 234) diz que o livro de imagem é aquele cuja “imagem tem um viés narrativo, independente de estarem ou não acompanhados de palavras”. Ele é direcionado à criança que ainda não tem familiaridade com o alfabeto, orientando-a na leitura e escrita através de imagens.

Na realidade bons livros, feitos artisticamente, podem agradar tanto o público infantil, quanto os adultos.

Eu crio uma imagem, e esse visual é pra qualquer olhar. Gosto quando a arte possibilita uma leitura universal, pra qualquer leitor, eu produzo um livro pra qualquer leitor, mas a estrutura do que eu faço é na vivência da infância, não é da criança. Da infância de qualquer leitor (NEVES, 2008 apud ARAÚJO; REILY, 2011, p. 44).

Livros de imagem possuem um modo de leitura não-linear que é orientada pela própria composição da página, diferente do livro tradicional, cuja leitura é linear, da esquerda para a direita. Nos livros de imagem o leitor faz mais facilmente as releituras, em um movimento de ir e vir das páginas para melhor compreensão dos significados (ARAÚJO; REILY, 2011).

Sobre a construção de um livro de imagem:

Arquitetar um livro é arquitetar uma cidade. Num livro de imagens é preciso virar a página como quem está conhecendo uma cidade e vira uma esquina para desvendar um novo campo visual. É por isso que antes de se projetar cada desenho, se projeta o volume. Não se trata de pintar uma série de quadros. Há toda uma conjunção necessária, todo um ritmo, um movimento, uma tensão, uma direção que perpassa o trabalho como um todo. (CAMARGO, 1995: 4 apud FERRARO, 2001).

O livro de imagem, por trabalhar essencialmente com imagem, utiliza muito certos recursos, como a metalinguagem, a linguagem do cinema, dos quadrinhos e das artes plásticas canonizadas, como forma de dar procedimento e expressividade à narrativa (FERRARO, 2001).

Criar um livro de imagem é uma tarefa árdua, principalmente no momento de construção da narrativa. Palavras conseguem exprimir melhor a relação tempo/espaço nas ações de uma história do que imagens. O ilustrador precisa ter muita imaginação e criatividade para conseguir “construir, de imagem em imagem, o sentido da narrativa” (FERRARO, 2001, p. 33).

Lago (1996) se considera uma contadora de histórias através do livro, porém sem o uso da fala, apenas com o uso de imagens. Ela diz que contadores de histórias contam duas histórias: uma com a fala e a outra com os gestos. Na medida em que a artista não pode acentuar a sua emoção com o gesto, ela o acentua utilizando o desenho, a diagramação do texto, o projeto gráfico, a fisicalidade do livro. Interessa para a artista pesquisar e trabalhar o livro enquanto objeto. Para Lago, o recurso oferecido pela dobra do livro pode ajudar o leitor a ter uma visão maior de profundidade e de perceber um movimento (ANEXO Q).

O livro de imagem permite toda uma liberdade de projeto, técnica, narrativa e expressividade, pois o autor das imagens é também o autor da história. Angela Lago, Eva Furnari, Juarez Machado, Ciça Fittipaldi, Roger Melo, são alguns dos vários artistas criadores desse tipo de arte.

### **1.3 O tridimensional no livro infantil**

O livro é um objeto tridimensional com um corpo físico (capa, contracapa, lombada, orelha, miolo) que pode ser trabalhado graficamente, plasticamente, fisicamente e

visualmente, principalmente a favor da narrativa e do lúdico, quando direcionado ao público infantil. Os recursos do design, o projeto gráfico e as ilustrações se relacionam a favor da sua concepção.

O livro-objeto infantil é uma tendência contemporânea, pois ele não é unicamente um livro com ilustração, mas é acima de tudo um material tridimensional, cuja “[...] narrativa depende da interação de ilustração e texto, ambos criados com consciência de intenção estética” (NECYK, 2007, p. 27).

O livro-objeto no Brasil vem crescendo sua produção cada vez mais a partir da década de 90, devido a investimentos no setor editorial e na tecnologia. O artista do livro vem procurando novas formas de concepção do livro-objeto, principalmente em relação à sua manipulação. Espera-se criar livros que desenvolvam a percepção dos sentidos por parte do leitor.

Existem várias características do livro objeto que o diferem do livro tradicional: os recursos lúdicos que são umas de suas principais ferramentas de projeto; a manipulação que faz parte para o entendimento da narrativa; a literatura que se mistura com o discurso das artes visuais; design com formato incomum e projeto gráfico diferenciado (ROMANI, 2011) (ANEXO R).

Munari é um dos artistas expressivos do livro-objeto. Em suas criações e experimentações, ele aproveita tudo o que o livro oferece: sua plataforma, o papel com suas texturas e cores, formatos, cortes. Seu interesse é construir livros que explorem a materialidade, o lúdico, o sensorial e a experimentação do leitor infantil. Produzir um livro brinquedo com aspecto narrativo, literário.

É interessante oferecer ao aluno a oportunidade de desenvolver seu trabalho de ilustração e/ou livro de imagem, usando o livro como um todo (capa, contracapa, miolo), bem como o manuseio desses elementos a fim de descobrir suas possibilidades gráficas, plásticas, físicas e visuais. Para o aluno, compreender o livro em sua totalidade, participar de sua concepção não apenas na função de construir imagens para um livro ilustrado e/ou livro de imagem, mas também como autor da história e produtor visual significa ampliar seus conhecimentos em ilustração infantil.

## 2 METODOLOGIA PARA O ENSINO DA ILUSTRAÇÃO INFANTIL

O Centro de Extensão da Escola de Belas Artes da UFMG oferece à comunidade em geral, vários cursos ligados às artes visuais. Eles acontecem semestralmente e têm geralmente carga horária de 60 horas/aula.

Em 2006, por meio do CENEX/EBA, ministrei um curso sobre o universo da ilustração infantil e como ensinar a ilustrar um livro. Ele era destinado a pessoas com idade a partir de dezesseis anos e o seu pré-requisito exigia noções básicas de desenho.

*A Oficina de ilustração de livros* tinha como objetivo levar o aluno a desenvolver a habilidade criativa para ilustrar textos literários e didáticos infanto-juvenis, compreendendo o processo de produção gráfica de um livro e o caminho para se chegar às editoras.

Neste trabalho, pretende-se fazer uma explanação da metodologia aplicada aos alunos do CENEX/EBA, porém com algumas ressalvas: alguns conteúdos serão analisados parcialmente ou apenas citados, pois o contrário poderia tornar este texto bastante extenso; as partes referentes a livros didáticos infanto-juvenis, bem como os temas relacionados à profissionalização da ilustração são conteúdos que poderão ser analisados em um trabalho posterior.

Todas as informações aqui contidas, relacionadas à apresentação e análise da metodologia em questão, foram realizadas com o auxílio de anotações feitas na época em que ministrei a *Oficina de ilustração de livros*, consultas a livros que foram utilizados para a construção da parte teórica, bem como de minhas presentes lembranças sobre as aulas, conteúdos e atividades que envolviam o ensino da ilustração.

A metodologia elaborada para o ensino da ilustração infantil incluía assuntos teóricos, práticos e as seguintes etapas: apresentação de trabalhos desenvolvidos pelo professor na área de ilustração, pintura e aquarela; conceituação da palavra ilustração e pequeno estudo teórico sobre a sua história; estrutura física do livro;

técnicas próprias de ilustração; características das ilustrações de alguns ilustradores; etapas para produção da ilustração com atividade prática.

Preliminarmente à exposição e análise dos temas abordados nesta metodologia, considero pertinente descrever um pouco sobre minha experiência como professora de ilustração de livros no CENEX/EBA/UFMG, já que estamos tratando aqui de experiência pedagógica, metodologia e ensino.

Dar aulas de ilustração de livros foi para mim uma experiência enriquecedora, que conseguiu ampliar o meu leque de conhecimentos na área de artes. Há sempre uma troca de informações entre professor-aluno e aluno-professor que faz gerar, em ambos os lados, novas ideias, outras formas de pensar, novos desafios. O aluno naturalmente instiga o professor a buscar cada vez mais conhecimentos e isso me fez refletir sobre a minha prática pedagógica, sobre os meus procedimentos em sala de aula: o que deveria ser reelaborado? O que poderia ser acrescentado em determinado conteúdo e como torná-lo mais objetivo para o aluno? Essas foram algumas das adaptações que lembro ter feito em minha metodologia para que ficasse de acordo com o nível de conhecimento do aluno sobre a disciplina.

Possuir o bacharelado em desenho, pintura, gravura e ter concluído alguns cursos na área de ilustração me tornou, particularmente, segura para ministrar aulas de ilustração, além da experiência anterior que tive como professora de aquarela na escola de Belas Artes e por meus conhecimentos em ilustrar livros infantis. Do meu ponto de vista, produzir arte e ser professora de arte tornou a minha prática pedagógica mais rica, fluente, não apenas em transmitir conhecimentos técnicos, mas também em relação a estimular a imaginação e a criatividade do aluno para elaboração de imagens.

Lembro-me de dois alunos que diziam não saber desenhar. O parâmetro que eles tinham sobre qualidade em ilustração eram imagens encontradas em livros infantis, feitas por ilustradores experientes, técnica apurada, com desenhos impecáveis. Isso pode ser assustador para um iniciante que não tem domínio sobre as ferramentas de trabalho. Diante disso, um dos recursos didáticos foi apresentar ao aluno, o maior número possível de imagens, livros infantis de diversos autores e ilustradores, estilos

e técnicas diferentes. Ensinava-os a observar, refletir e analisar não apenas o desenho em si com suas particularidades, mas também os espaços vazios, a fonte utilizada, os cortes, a composição, etc. Saber ver de forma minuciosa é um ótimo exercício para educar o olhar. Esse procedimento pode trazer inspiração ao aluno, ampliando sua percepção visual e o estimulando a criar. Dizia aos meus alunos de aquarela, que se aprende muito mais vendo imagens em livros do que seguindo manuais do tipo passo-a-passo de como aquarelar.

Os cursos de extensão na EBA não são oferecidos apenas para profissionais e estudantes de artes, mas para a comunidade em geral, que muitas vezes tinha pouco domínio do desenho. Nesses casos é preciso mostrar ao aluno que a perseverança e a criatividade podem superar alguns obstáculos e buscar caminhos que o levem a sentir o gosto e o prazer pela arte. A prioridade do curso não era formar profissionais no assunto, mas aguçar a sensibilidade do aluno para a poética que pode existir por trás de uma simples palavra, frase, texto, cena, imagem. Esses alunos conseguiram desenvolver ilustrações, se esforçaram, entraram no “clima” do processo de ilustrar, produziram com as suas limitações.

## **2.1 Os bastidores da *Oficina de ilustração de livros***

Tudo o que aprendi nos cursos de ilustração dos quais participei, o meu conhecimento artístico e minha experiência em ilustração de livros foi direcionado para construir uma metodologia para ensinar a ilustrar. Teoria, ferramentas de trabalho, atividades práticas é o que, basicamente constitui essa metodologia.

### **2.1.1 A produção artística do professor**

Geralmente é prática habitual do professor de artes apresentar aos alunos o seu trabalho pessoal relacionado à disciplina que vai ministrar. É interessante que o aluno conheça o processo de criação do professor, sua técnica, seu portfólio. Esta proximidade entre arte e o produtor de arte em sala de aula, facilita a fruição artística do aluno, que tem diante de si uma referência concreta. Como nem sempre é possível que o aluno presencie um original, a produção do professor pode suprir essa lacuna, mesmo que parcialmente.

A primeira etapa da minha metodologia foi exatamente a apresentação do meu trabalho em ilustração (FIG. 01), pintura e aquarela. Selecionei algumas ilustrações, para serem apreciadas no *Datashow*, originais em aquarela, acrílica e lápis e os livros correspondentes a esses, sempre fazendo comentários sobre a técnica utilizada e o contexto sobre o qual as imagens apresentadas estavam inseridas. Junto às ilustrações apresentei meu *portfólio* (pintura e aquarela) e expliquei sobre a influência das artes plásticas no meu trabalho como ilustradora – o pensar mais intuitivo, poético e o conhecimento técnico facilitam de alguma forma, a criação de ilustrações.

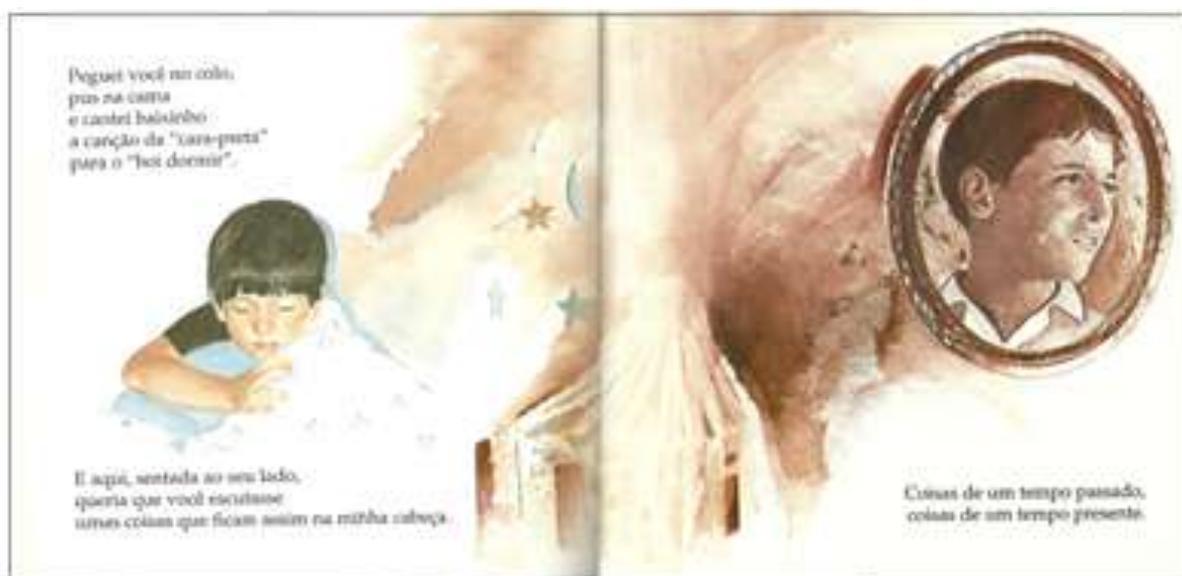


FIGURA 01 - *Escuta filho* - Ilustrações de Juliane Assis  
Fonte: BATISTA, 1995, s.p.

### 2.1.2 Ilustração, livro e suas histórias

Na segunda etapa metodológica expliquei sobre os vários conceitos que envolvem a palavra ilustração e fiz uma explanação sobre a história da ilustração e do livro, exemplificando com imagens apresentadas no *Datashow*.

Para conceituar o termo ilustração, achei interessante começar a abordar a pré-história, contando como a imagem sempre exerceu importância, poder e fascínio sobre o homem, ajudando-o a se comunicar, se expressar, a contar sua história. Os desenhos e pinturas nas paredes das cavernas são os registros de uma linguagem

visual que servia para transmitir pensamentos, sentimentos, cenas, acontecimentos, etc.

No livro infantil, a ilustração, que é uma imagem, exerce também um poder muito grande sobre o seu leitor. Ela torna o livro mais atraente, a leitura mais prazerosa, provoca o leitor, explica um texto, ilustra as entrelinhas, enfeita-o, conta histórias paralelas, ajuda na compreensão do texto, emociona, funciona como um elemento de ligação entre a criança e o texto, trata de aspectos não explicitados pelo texto, orienta a leitura, confirma as palavras.

Imagem e texto em livros infantis podem ter juntos o mesmo grau de importância: em uma tirinha de piadas, por exemplo, muitas vezes conseguimos rir apenas observando as imagens, antes mesmo de ler o texto. Outras vezes apenas a imagem é a detentora da história, não há texto, são os chamados livros de imagem.

Um detalhe importante que lembro ter ressaltado aos alunos é que um texto de ficção, poético ou outro qualquer, tende por si só a ser abstrato. Quando lemos um texto, cada um de nós sente, imagina e o interpreta de uma forma, sendo abstrato neste sentido – são vários os significados possíveis. Se o ilustrador faz uma ilustração que gera uma única leitura, é como se ele estivesse podando a capacidade do leitor de criar, pensar, reelaborar. Nesse momento o ilustrador poderá abordar o que sugere o texto, criando analogias, imaginando as leituras paralelas, ampliando aquilo que fica nas entrelinhas, sem limitar a história.

Para dar continuidade ao significado da ilustração, busquei fundamentos na teoria de Luis Camargo sobre as funções que as ilustrações podem exercer no livro infantil. Em seu livro *Ilustração do livro infantil* o autor citava oito funções: função de pontuação, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva/ética, estética, lúdica e metalinguística. Todas essas funções foram explicadas e exemplificadas com livros infantis, onde estas se encontravam.

Como na oficina iríamos trabalhar o livro infantil, achei conveniente e interessante apresentar, também, o surgimento do livro e seu desenvolvimento. Estudar a história da ilustração e do livro, mesmo que resumidamente, é uma das formas de

desvendar o passado para compreender o presente. O aluno amplia a sua visão sobre o universo da ilustração, compreendendo suas transformações ao longo do tempo, fazendo recriações, comparações, tendo referências de artistas e estilos, tudo isso a favor de seu processo criativo.

Em minha pesquisa teórica sobre a história do livro abordei primeiramente, o surgimento da escrita e seus primeiros suportes; as primeiras formas físicas do livro (rolo e códex); as iluminuras medievais. Em segundo lugar comentei sobre o livro impresso e suas primeiras técnicas de ilustração. Resumidamente descrevo, a seguir, algumas partes dessa pesquisa.

Após suas inscrições imagéticas, o homem começou a sentir a necessidade de registrar seus conhecimentos, experiências, sentimentos, de escrever a sua história, nascendo assim, a escrita. Conseqüentemente, sua história foi aos poucos sendo reunida para ser guardada em um objeto denominado livro.

Em relação aos primeiros suportes onde o homem escreveu (pedra, tábuas de argila, madeira, papiro, pergaminho), expliquei sobre as características desses dois últimos para mostrar as semelhanças com o livro que conhecemos hoje, pois suas folhas eram sobrepostas, costuradas e envolvidas por uma capa dura.

A respeito dos manuscritos iluminados medievais relatei algumas de suas particularidades: funções dos monges copista e iluminador; os materiais utilizados para ilustrar; os materiais das capas; o livro utilizado na igreja como objeto de arte. Os livros produzidos nos mosteiros pelos monges eram destinados a poucas pessoas, restritos principalmente à igreja e ficavam guardados em bibliotecas, consideradas como lugares “sagrados”. A partir do século XIII, com o surgimento das universidades, apareceu um novo público (nobres, burgueses, estudantes, professores) que também desejava ter acesso a livros. Foi necessário encontrar uma maneira de produzir maior quantidade de livros e de forma mais ágil, para suprir esta necessidade de leitura. Dessa premissa nasceu a imprensa e o papel.

Os primeiros livros impressos eram chamados de incunábulo. Nessa parte conceituei e fiz uma análise sobre as características desses tipos de livros. Em

seguida descrevi sobre o primeiro processo de impressão e de ilustração – a xilogravura. Suas figuras iniciais, simples e sem sombras eram coloridas posteriormente com aquarela. A gravura em metal apareceu após a xilogravura e permitia um desenho mais rico, detalhado e próximo da realidade. Artistas famosos como Dürer, Hans Holbein e Lucas Cranach eram contratados para realizar essas gravuras. Outras vezes, os gravadores usavam desenhos encomendados de alguns artistas para fazer a gravação. O processo de impressão foi se desenvolvendo, surgindo a litografia, a tipografia, o *offset*. Os papéis dos livros foram mudando e também a maneira de se fazer as ilustrações. O livro foi se desenvolvendo, até chegar aos livros que conhecemos hoje.

Dando prosseguimento à parte teórica, apresentei a história dos livros destinados às crianças: o período em que eles apareceram e como eram produzidos; os seus objetivos e conteúdos; a “era de ouro” do livro infantil; ilustradores internacionais de maior relevância, algumas de suas obras e características.

Os primeiros impressos feitos especialmente para crianças datam do século XV e eram páginas coladas em um suporte. Essas placas ensinavam o ABC, orações, ensinamentos morais e políticos. No século XVIII as crianças liam livros escritos para adultos como *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe. Somente a partir do século XIX os livros infantis começaram a trazer a fantasia e a magia ao mundo da criança. E as ilustrações acompanhavam essas mudanças juntamente com o texto, com as histórias. No século XX uma das principais transformações na literatura infantil foi em relação à concepção gráfica dos livros – a ilustração passa a ter cada vez mais importância dentro do livro.

A seguir relatei a história da ilustração no Brasil comentando sobre as funções dos primeiros livros ilustrados e a linguagem da ilustração; o papel do ilustrador; os responsáveis pelas inovações na ilustração; os livros de literatura juvenil nas décadas de quarenta e cinquenta; o *boom* da literatura infantil nos anos setenta, oitenta; livros infantis nos anos noventa e início do século XXI.

No século XIX a literatura infantil no Brasil era uma tradução de produções europeias. A partir do século XX começa a surgir uma literatura brasileira. A

ilustração inicialmente não tinha uma interpretação visual, era muito ligada ao texto. Voltolino, Oswaldo Storni, Carlos Estevão de Souza foram alguns dos responsáveis pela mudança de mentalidade em relação à linguagem da ilustração. Eles começaram a ilustrar a partir de suas próprias interpretações. Nas décadas de setenta e oitenta as narrativas eram mais questionadoras, lúdicas, com novas formas de linguagem e as ilustrações acompanhavam essas inovações – os ilustradores começaram, por exemplo, a ilustrar histórias paralelas ao texto. Dos anos noventa ao início do século XXI surgem no mercado grande variedade de projetos gráficos, capas mais atraentes, ilustrações com diferentes técnicas, diferentes tipos de papel e materiais de fabricação, CDs livros, *e-books*, etc.

### **2.1.3 Estrutura física do livro**

O livro não é somente capa, texto e ilustrações, ele é um objeto tridimensional que possui capa, segunda capa, contracapa, terceira capa, lombada, orelhas, miolo (folhas de guarda, olho, rosto, dedicatória, texto, ilustrações) (FIG. 02). Cada um desses elementos tem uma finalidade dentro do livro. Alguns trazem ilustração e texto, outros apenas textos ou ilustração. Farei uma breve exposição daqueles que são mais importantes e encontrados com maior frequência nos livros infantis: capa, miolo (rosto, olho, texto, ilustrações), contracapa.

Em relação à capa, fazem parte dela os seguintes elementos: capa ou 1ª capa, contracapa ou 4ª capa, 2ª capa ou verso da capa, 3ª capa ou verso da contracapa; 1ª orelha e 2ª orelha. A capa precisa ser chamativa, atraente, pois é a porta de entrada para a literatura. Ela contém o título do livro, o nome do autor, ilustrador e da editora. O nome do ilustrador nem sempre consta na capa.

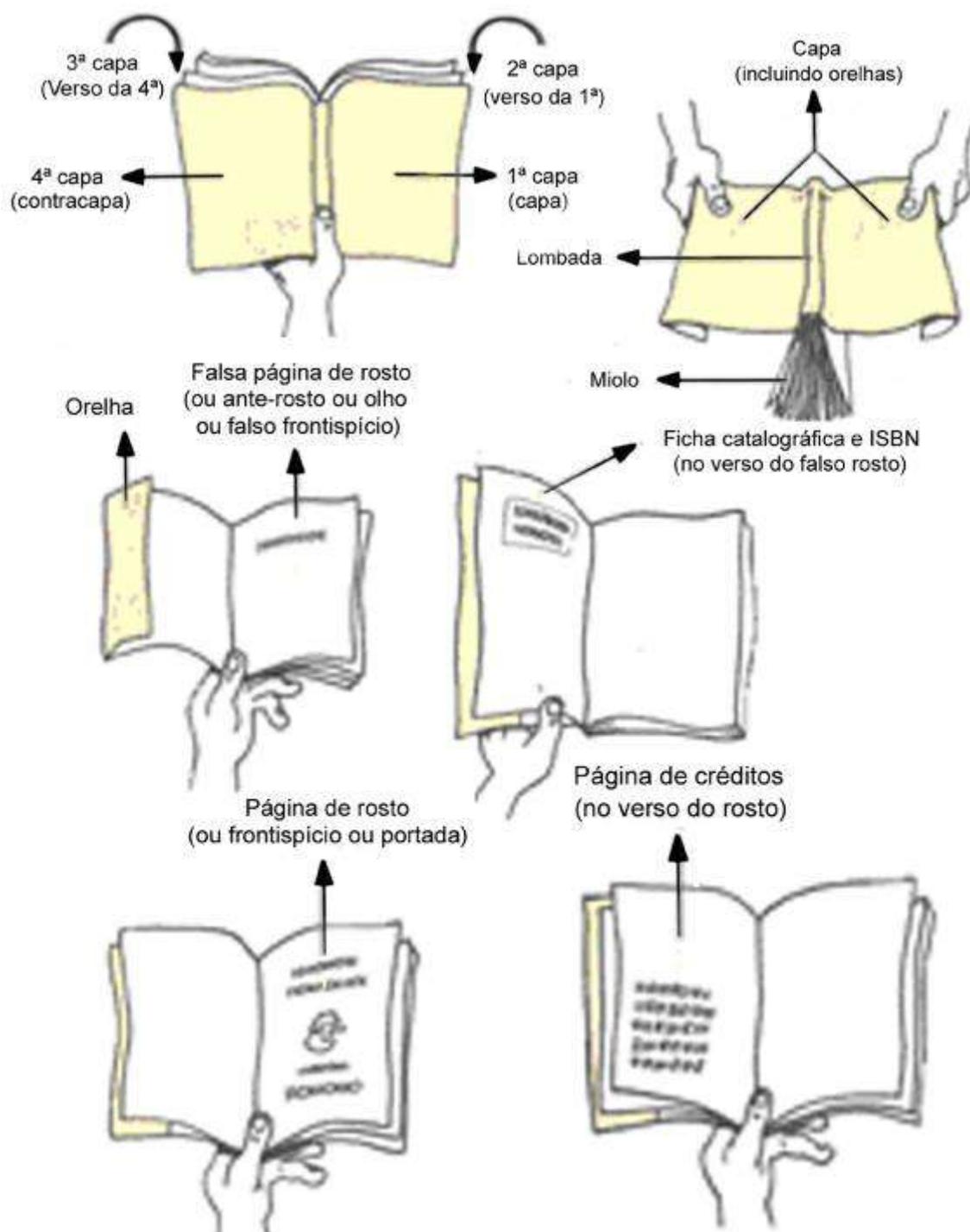


FIGURA 02 - Estrutura física do livro - Ilustrações de Robson Alves de Araújo  
 Fonte: JUNQUEIRA, 1997, p. 24-25. (Houve alteração na ilustração em relação à fonte, setas e disposição dos desenhos, para fins didáticos).

A contracapa ou 4ª capa pode ser uma continuidade da capa quando se trata de ilustração, mas pode ter apenas uma cor sob um texto ou uma vinheta, etc. Atualmente é obrigatório constar o código de barra e o número de ISBN.

O miolo ou corpo do livro se constitui de parte pré-textual (folha de guarda, anterrosto, rosto, página de créditos, dedicatória, etc), parte textual (o texto propriamente dito, capítulos, ilustrações, etc) e parte pós-textual (índices, anexos, etc). O rosto ou portada contém praticamente os mesmos dados da capa. As páginas iniciais como o rosto e o olho funcionam como pausas para que o leitor não vá imediatamente para a história, assim como acontece no início de um filme cinematográfico. O uso do olho também chamado de anterrosto ou falso rosto é um acessório, podendo ou não aparecer em livros infantis. Quando ele se faz presente é por questões poéticas ou estéticas. No miolo, geralmente no verso do rosto, encontramos a página de créditos que é obrigatória.

#### **2.1.4 Técnicas próprias de ilustração**

Há uma grande variedade de técnicas que podem ser aplicadas à atividade do ilustrador, algumas mais utilizadas do que outras: a aquarela e a tinta acrílica, por exemplo, têm maior praticidade, pois secam mais rápido, ao contrário da tinta óleo em que a secagem é bem mais lenta, dificultando a agilidade para finalização do trabalho, nada impedindo, porém que ela seja utilizada.

Apresentei algumas técnicas utilizadas nas ilustrações de livros infantis, bem como suas características, ferramentas de trabalho e suportes. A intenção era mostrar seus efeitos e a expressividade de cada uma delas dentro do livro. São elas: aquarela, acrílica, guache, pastel, bico-de-pena, lápis de cor, lápis aquarelado, colagem, monotipia, xilogravura, massa de modelar, computação gráfica, técnica mista. Levei para sala de aula, vários livros que mostravam ilustrações feitas com as técnicas apresentadas, bem como alguns materiais mais frequentemente utilizados.

Achei importante ressaltar, que a escolha da técnica de trabalho deve ser feita após a leitura do texto, para que se possa entrar no “clima” da história e perceber qual técnica ficará melhor para ilustrá-lo. Essa é uma decisão bastante pessoal e não

existem normas a serem seguidas, mas apenas a capacidade do ilustrador de ser sensível e perceber o quanto ele poderá utilizar a técnica a favor do texto. Assim como a imagem dialoga com o texto, a técnica também poderá fazê-lo. Às vezes o próprio texto pode dar dicas de qual técnica utilizar, mas nada posto como regra. Um poema, por exemplo, é cheio de sugestões, subjetividades – uma técnica mais solta, menos determinada, mais sutil, dúbia, leve, se prestaria para ilustrar tal tipo de texto. A aquarela com suas aguadas e manchas, características próprias dessa técnica, seria uma opção. Óbvio são apenas sugestões para que o aluno possa entender o que as técnicas podem oferecer no plano gráfico-plástico-visual.

Outro fator a considerar sobre técnica é que todas são permitidas, desde que não causem problemas de reprodução. Todo original será transformado em imagem eletrônica para ser reproduzido em série, na forma de livro. Relevo em excesso pode, por exemplo, dificultar um escaneamento, formar sombras indesejáveis no desenho. Da mesma forma, um trabalho feito em pastel seco e que não foi fixado corretamente, pode vir a borrar o papel quando for manuseado, estragando o original.

### **2.1.5 Algumas ilustrações**

Conhecer e entender o processo criativo de alguns ilustradores, bem como as características de suas obras é uma boa forma de o aluno absorver o universo da ilustração e suas possibilidades técnicas, gráficas, plásticas, e visuais.

Selecionei vários livros de ilustradores-autores, cujas obras mostrassem ilustrações com diferentes traços e estilos. Neste trabalho apresento apenas alguns dos artistas apresentados, dos quais faço algumas pequenas pontuações sobre suas obras: Angela Lago, Cláudio Martins, Marilda Castanha, Mário Vale, Marcelo Xavier.

Angela Lago utiliza várias técnicas diferentes em seus livros – aquarela (FIG. 03), acrílica, computação gráfica (FIG.04), bico de pena dentre outras e procura utilizar a fisicalidade do livro como linguagem visual; Cláudio Martins possui um traço pessoal bastante reconhecível – arredondado, simples, ingênuo, cheio de humor (FIG. 05); Marilda Castanha possui um desenho que busca principalmente uma brasilidade nas

cores e traços (FIG. 06); Mário Vale possui um traço limpo, econômico, utilizando muito como técnica de ilustração a colagem, recortes e dobraduras de papel (FIG. 07); Marcelo Xavier utiliza massa plástica (FIG. 08) para construir seus personagens e quando necessário, busca o auxílio do computador para criar os fundos dos seus cenários.

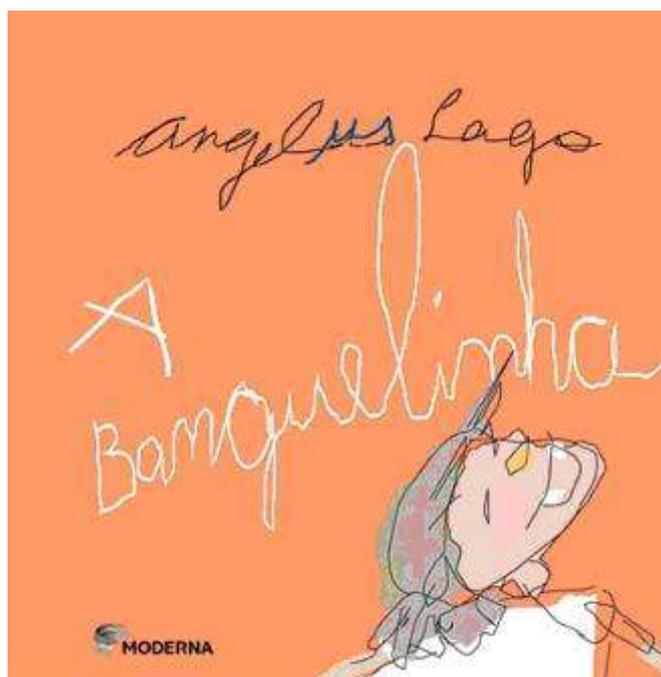


FIGURA 03 - *A banguelinha*, Angela Lago

Fonte:

<<http://www.moderna.com.br/main.jsp?lumPagelId=4028818B30410B7A01304BB1FE4E5C7C&itemId=8A8A8A823D7CBA88013D7DB20EEE21F3>>

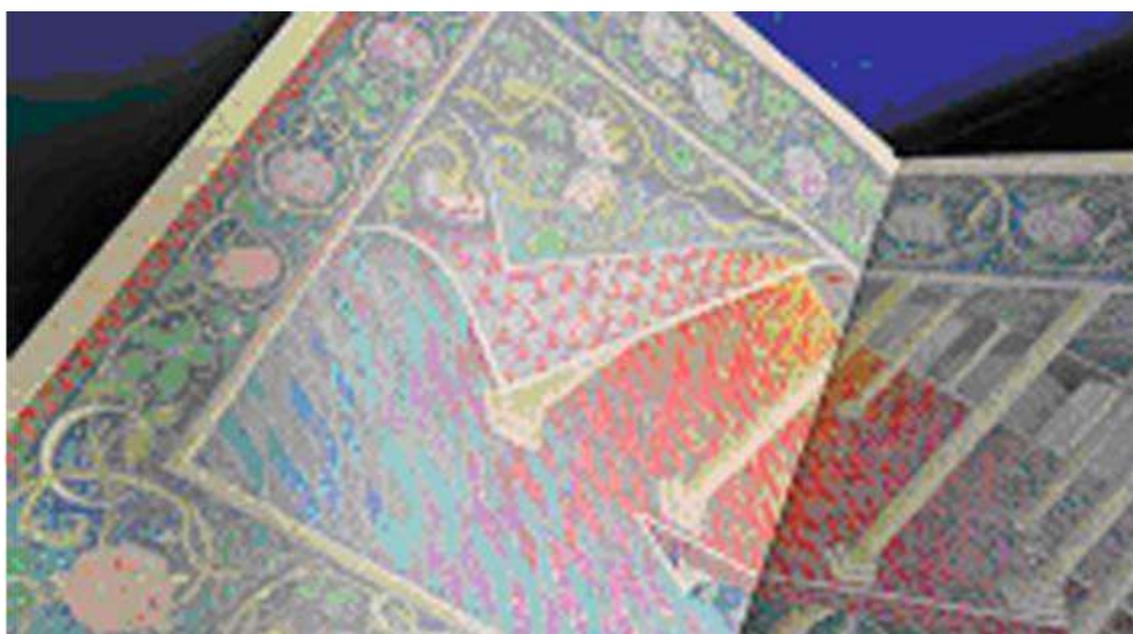


FIGURA 04 - *Cântico dos cânticos*, Angela Lago  
Fonte: <<http://www.angela-lago.com.br/aulaCant.html>>

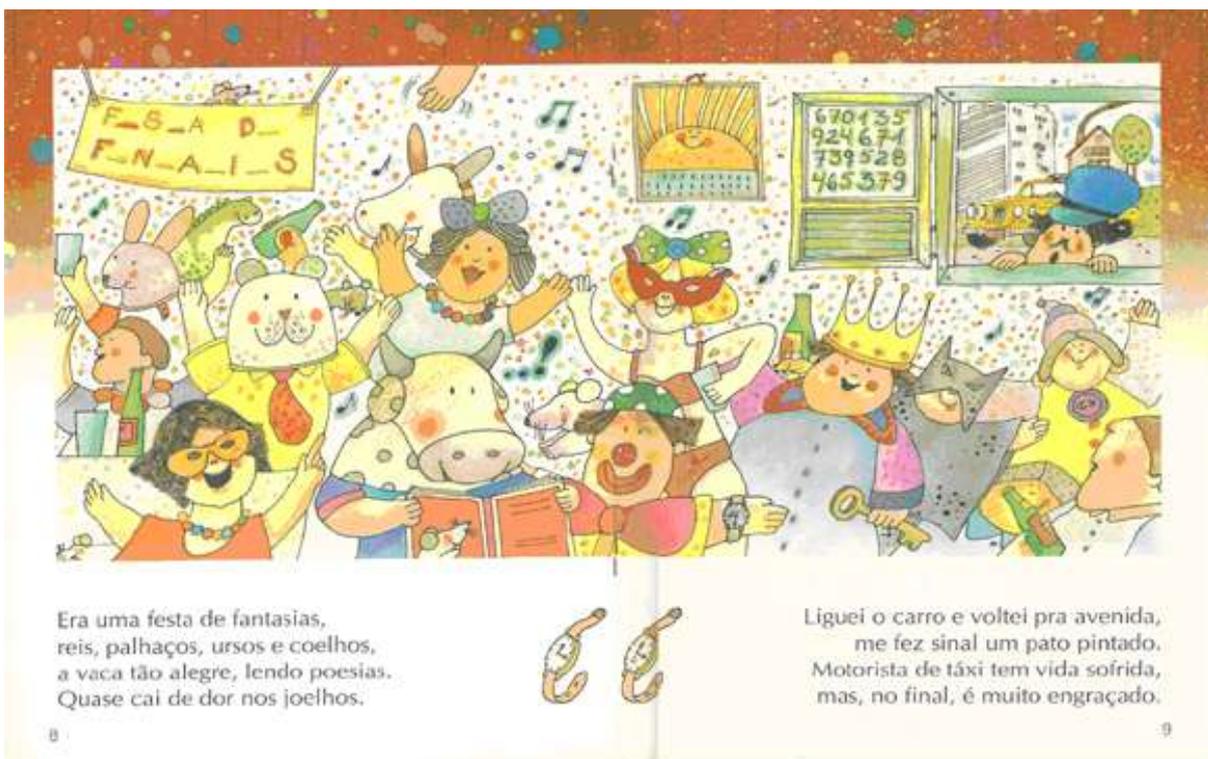


FIGURA 05 - A Festa, Cláudio Martins  
Fonte: MARTINS, 1994, p. 8-9



FIGURA 06 - Pindorama, Marilda Castanha  
Fonte: <<http://marildacastanhailustradora.blogspot.com.br/2011/10/ilustracoes-do-livro-pindorama-terra.html>>



FIGURA 07 - *Picote*, Mário Vale  
Fonte: VALE, 1993, s.p

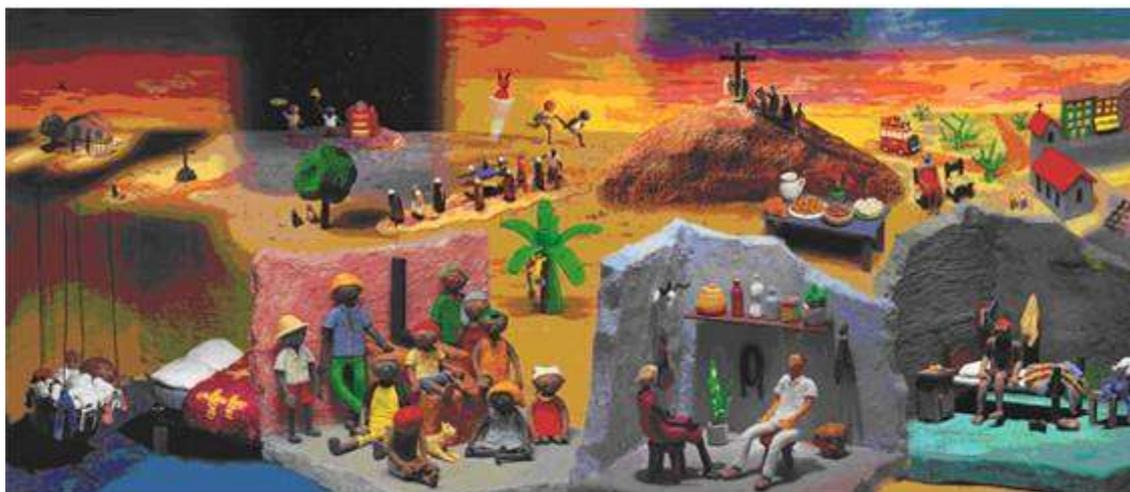


FIGURA 08 - *Credíes e Superstições*, Marcelo Xavier  
Fonte: <[www.marceloxavier.art.br/mx/wp-content/uploads/2012/10/Painel.jpg](http://www.marceloxavier.art.br/mx/wp-content/uploads/2012/10/Painel.jpg)>

### 2.1.6 Etapas para produção da ilustração

É necessário que o aluno conheça algumas etapas básicas para a produção de uma ilustração, pois ilustrar precisa ir além da ação de conceber o desenho: a imagem tem uma relação não apenas com o texto, mas com o livro como um todo. Saber construir um protótipo de livro, entender seus espaços em branco, as manchas de

texto e sua escrita gráfica, o formato do livro, a arte final, dentre outros, são fatores dos quais o ilustrador precisa ter conhecimento.

Precedendo a apresentação das etapas para produzir uma ilustração, apresentei os termos – livros de literatura infantil, didáticos e paradidáticos – mostrando a diferença básica entre eles. Levei para a sala de aula livros que exemplificassem, através de imagens, os referidos termos. Livros de literatura infantil têm arte, criação, imaginação, invenção. O ilustrador tem mais liberdade para fazer suas ilustrações, porém observando, quando solicitado, algumas exigências particulares do editor e/ou escritor. Livros didáticos são aqueles cuja função é ensinar. Suas ilustrações estão a favor unicamente do texto e do autor e não devem gerar ambiguidade, como em um livro de biologia. Livros paradidáticos são aqueles que ensinam e contam uma história ao mesmo tempo.

A primeira etapa para produção da ilustração foi a apresentação do texto a ser ilustrado. Ele é o elemento impulsionador do ato de ilustrar e o ilustrador tem a função de interpretá-lo, de traduzi-lo em imagens. Portanto, foi proposto a cada aluno que trabalhasse com um texto de literatura infantil já publicado. Selecionei diferentes livros infantis e construí cadernos ou “bonecas” do mesmo tamanho desses livros, sem as imagens e o texto. O caderno se constitui de folhas inteiras dobradas e grampeadas na dobra. Apesar de ter disponibilizado esses cadernos, expliquei como construí-los. Para isso era necessário saber o número de páginas que o livro teria: um livro de 24 páginas comportaria 6 cadernos de 4 páginas cada um, sem contar com a capa. Um livro de 36 páginas teria 9 cadernos de 4 páginas. À parte, fiz a impressão de todo o texto do livro. Os alunos receberam essas “bonecas”, com seus respectivos textos para escolherem aquele que gostariam de ilustrar. Fazer a “boneca” proporcional ao formato do livro ou do seu próprio tamanho é um elemento facilitador no momento de fazer os primeiros esboços. A intenção era agilizar o processo de trabalho em sala de aula, visto que não tínhamos computador para ser utilizado no horário da aula. Com a “boneca” em mãos, os alunos poderiam dispor o texto pelas páginas, recortando suas partes e colando sobre o papel (FIG. 03).

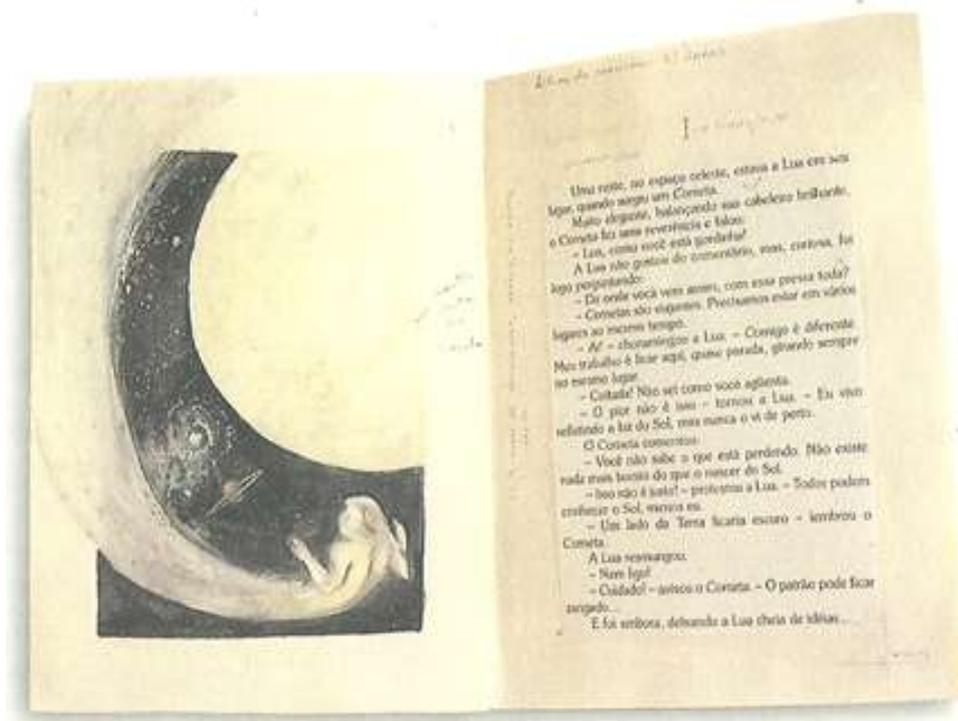


FIGURA 09 - Exemplo de “boneca” de livro. A ilustração à esquerda é apenas um estudo e o texto à direita está recortado e colado com fita adesiva.

Fonte: JUNQUEIRA, 1997, p. 11

O passo seguinte visou esclarecer como fazer a planificação da “boneca”, ou seja, como ter uma visão geral, mais ampla, panorâmica, de todo o livro. Planificar o livro significava vê-lo aberto, na íntegra, com a visão de todas as suas páginas. Dessa forma tornava-se bem mais fácil visualizar a união de texto e imagem na página, a harmonia, o ritmo, o movimento, a dinâmica do livro, etc. Para exemplificar fiz a planificação do livro *A estrela e os poetas* de Anna Gobel (FIG. 04). Nessa etapa foi necessário transmitir algumas noções de composição para que o aluno se tornasse mais consciente no momento de escolher os espaços destinados às ilustrações e manchas de texto.





FIGURA 11 - *Cena de rua*, Angela Lago

Fonte: <<http://blogeditorarhj.blogspot.com.br/2010/06/livro-de-imagem-cena-de-rua-angela.html>>

As cores, as imagens, as linhas, os pontos, os volumes, os vazios possuem peso, e dependendo da sua disposição na página podem ou não criar equilíbrio. Um livro com retângulos iguais do início ao fim, provocará certa monotonia e desinteresse na leitura. Mostrei aos alunos outras maneiras de provocar contrastes e variedade na página, apenas como exemplo: ilustração grande & pequena; temas antigos & atuais; cor & preto e branco; ilustração oval & quadrada; ilustração inteira & detalhes; fotografia & ilustração.

Em relação ao projeto gráfico, por questões de tempo, ficaria impraticável fazer com que os alunos o realizassem na íntegra. São muitos os processos que envolvem a sua construção, portanto foi possível apenas apresentar uma visão geral sobre ele. O projeto gráfico vai conceber o livro enquanto objeto físico: qual o formato vai ter, número de páginas, tipo e tamanho das letras, disposição de texto e ilustração, tamanho das margens, numeração das páginas, os espaços em branco, número de cores da impressão (policromia, duas cores ou uma), o tipo de papel do miolo e capa, etc. Apenas a escolha da disposição do texto e das ilustrações na “boneca” foi possível deixá-los elaborar. Neste trabalho, da mesma forma, não há espaço e tempo suficiente para relatar as várias etapas e detalhes desse processo.

De posse da “boneca”, o aluno começaria o seu trabalho de criação. Orientei para que eles fizessem várias leituras do texto, sempre tentando visualizá-lo graficamente e plasticamente; marcassem trechos, frases ou palavras “chaves” que achassem

interessantes e que a partir delas pudessem extrapolar o texto. Nesse momento o aluno deveria fazer os primeiros esboços, rabiscos, pensar nos personagens, nos elementos das cenas, a técnica que poderia utilizar, as cores, o “clima” que gostaria de dar à história. Nessa etapa ele também poderia buscar referências em livros, revistas, fotografias, tudo para ajudá-lo a construir seus personagens e cenários.

Como já havia comentado no início deste trabalho, o curso não visava formar profissionais em ilustração, mas procurava aguçar a sensibilidade do aluno para um pensar mais gráfico, plástico e visual. Produzir uma imagem com exímia perfeição nem sempre significa que ela tem a capacidade de ter expressividade e comunicar algo que esteja em sintonia com um texto. Saber desenhar pode facilitar a criação de imagens, mas não era o essencial na oficina que ministrei. Conceituar a ilustração, saber como fazer a abordagem do texto, ter conhecimentos sobre o tema eram o mais importante e poderiam ajudar o aluno a transmitir a mensagem visual da história. Outras soluções visuais, outros métodos e materiais para desenvolver imagens que não somente o desenho, poderiam ser encontrados em colagens, fotos, xerox, fotocópias e outros recursos.

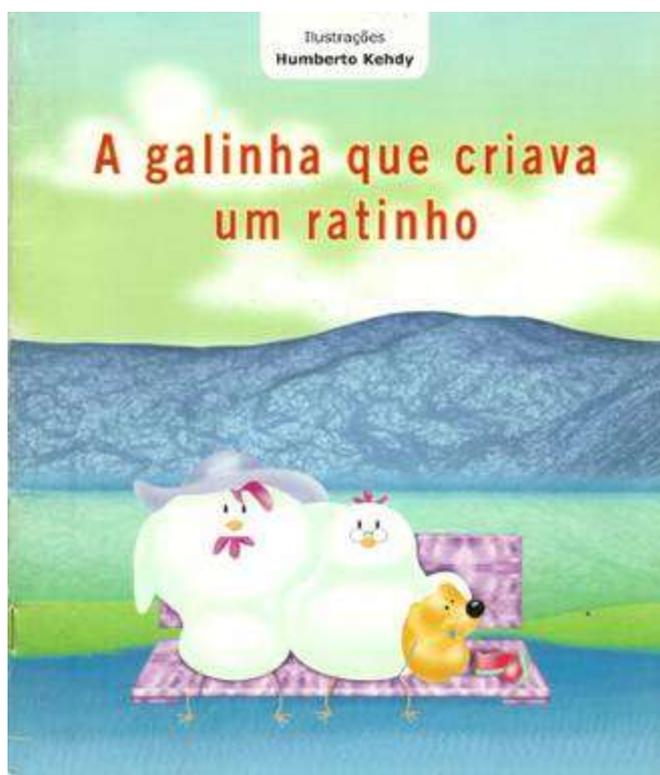


FIGURA 12 - Trabalho de aluno - releitura do texto de Ana Maria Machado  
Fonte: Do autor

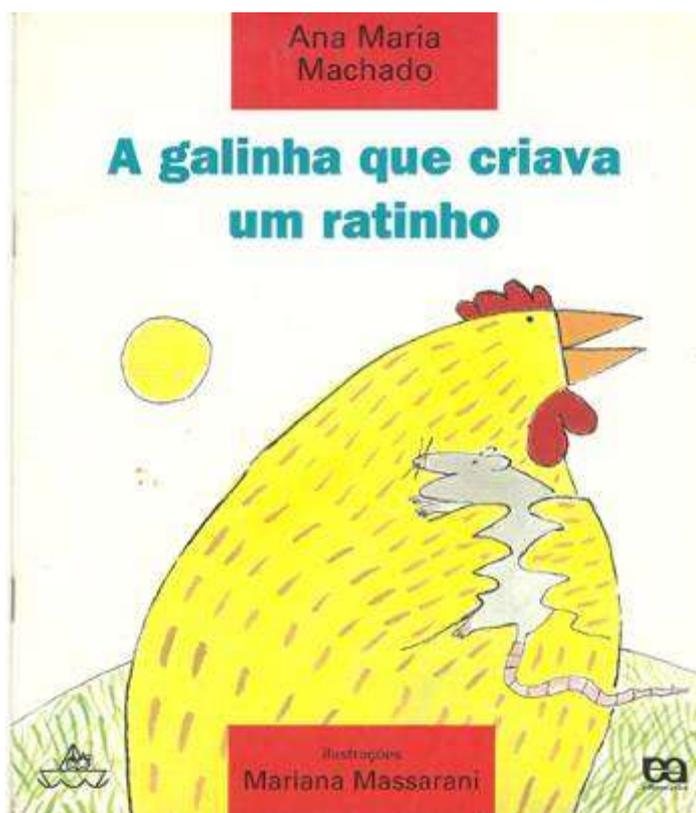


FIGURA 13 - *A galinha que criava um ratinho*, Ana Maria Machado  
 Fonte: MACHADO, 1998, capa



FIGURA 14 - Ilustrações de aluna para o texto *Reflexo - primeiros poemas*, Ieda Dias  
 Fonte: Do autor

Um exercício proposto aos alunos foi o de trabalharem seus esboços e rabiscos iniciais com o papel dobrado, para que eles pudessem se acostumar com a estrutura física do livro. Pensar no desenho para um objeto (livro) e não no desenho feito sobre uma folha de papel plana. Quando abrimos um livro nem sempre a folha fica totalmente reta – ela apresenta certa curvatura. A utilização do meio da página pode acentuar a profundidade, a perspectiva e o movimento. Essas possibilidades físicas

do livro são capazes de enfatizar o que uma imagem quer transmitir, ajudando na própria narrativa do texto.

O movimento de virar a página traz soluções e novas possibilidades para a narrativa, podendo ser estudadas e utilizadas – a pausa, a continuidade, o antes e o depois (FIG. 15).

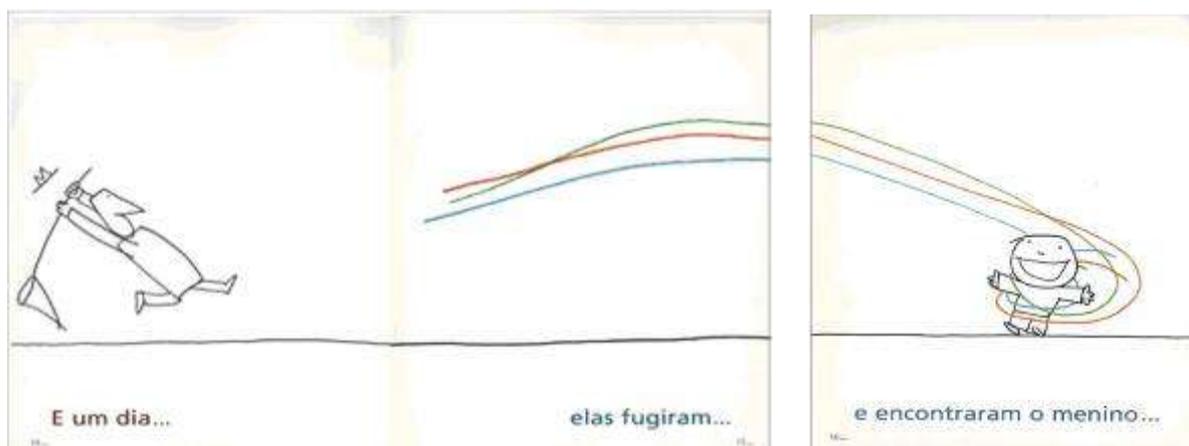


FIGURA 15 - *Três pontinhos*, Mário Vale. Efeito de continuidade, p. 15-16.  
Fonte: VALE, 1995

Uma bibliografia foi oferecida para cada aluno, para estudo e consulta. Alguns livros dessa bibliografia foram utilizados para auxiliar a elaboração da metodologia da *Oficina de ilustração de livros*.

No capítulo a seguir fazem-se reflexões e complementações de algumas partes do conteúdo da metodologia, descritas anteriormente. Por questões de organização e melhor visualização das partes que foram analisadas, optou-se utilizar praticamente os mesmos títulos das etapas metodológicas do capítulo dois, somando-se apenas os itens livro de imagem e livro-objeto.

### **3 OFICINA DE ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: REFLEXÕES E COMPLEMENTAÇÕES**

Para realizar este estudo foi necessário pesquisar novos livros, buscar informações em outras fontes do saber, fazer releituras de algumas bibliografias que havia utilizado para construir a metodologia em questão, além de colocar a minha própria visão atual sobre o ensino da ilustração na oficina que ministrei.

#### **3.1 Apresentação do trabalho do professor e seu processo de criação**

Nesta primeira etapa da metodologia em questão, ênfase sobre a importância de o professor propiciar ao aluno o conhecimento de sua produção artística e seu processo de criação, como uma forma íntima de se entender o que há por trás de uma ilustração. Quanto mais detalhes oferecermos sobre um processo criativo, maior será a capacidade do aluno em buscar e trabalhar suas próprias ideias. Esse assunto desencadeou uma discussão a respeito dos termos ilustração e pintura.

Em sala de aula relatei um pouco sobre a minha concepção para as ilustrações: meus personagens são pessoas retiradas da vida real, escolhidas com critério, cujas características físicas sejam as mesmas daquelas descritas no texto. A montagem da cena funciona como em uma peça de teatro, onde os atores têm que se vestir adequadamente e interpretar. Faço várias fotografias, em várias posições e ângulos, para que mais tarde no computador, possa escolher aquela que melhor atende à minha ideia de composição. Os cenários são pesquisados e/ou criados pelo uso da câmera fotográfica. Toda a composição da página é finalizada no computador para depois ser transferida ao papel e confeccionada com a técnica escolhida. Os trabalhos em aquarela eram quase todos realistas e sempre gostei de utilizar a referência fotográfica. As pessoas, a cidade, as construções arquitetônicas, os animais, a vegetação, tudo era observado com a intenção de ser transformado em arte, de ser levado para um cenário particular, construído pela minha imaginação. Já as pinturas caminham para a abstração, mas sem totalmente absorvê-la. As imagens atingem o limite entre o abstrato e o figurativo. A soltura das pinceladas, o uso da cor, a composição resolvida em grandes dimensões são algumas das influências direcionadas ao trabalho de ilustração. Quando descobri que poderia

levar este meu universo formal e plástico para a ilustração e dar continuidade a ele, senti um enorme prazer em ilustrar.

Muitos alunos, talvez por falta de conhecimento, podem ter uma noção errônea e incompleta acerca do processo criativo para uma ilustração, sem compreender o quanto este universo de interpretação é rico e múltiplo. A ilustração, por exemplo, não tem limites quanto a técnicas e suas influências podem vir da pintura, da fotografia, da individualidade de cada um, enfim do mundo no qual se está inserido. Por isso a importância de possibilitar ao aluno ver, analisar, refletir não apenas sobre os inúmeros estilos de ilustrações encontradas nos livros infantis, mas também entender como um determinado desenho foi criado, qual a técnica utilizada, a intenção do artista ao usar determinada cor e uma série de outras particularidades.

Ter em mãos um original de ilustração para ser observado, onde se possa sentir a textura do papel, ver as pinceladas e o rastro deixado por elas, a gradação tonal e tantos outros detalhes é imensamente enriquecedor para o aprendizado visual, estético e criativo do aluno. Quando um professor pode propiciar a observação direta de uma obra de arte, a aprendizagem torna-se melhor absorvida, mais prazerosa, com o ensejo de aguçar o conhecimento. As reproduções são importantes, mas nada substitui o contato direto, lembrando-se dizer as idas a museus e galerias de arte que são extremamente valiosas para a fruição artística do aluno.

Por outro lado, sabendo-se que a ilustração é uma imagem criada para ser reproduzida, sua fruição se realizará plenamente através do livro, do texto, do espaço físico que ocupa, da passagem sequencial das páginas, da sua fisicalidade. O original de uma ilustração está representado em sua reprodução industrial, e sua total apreciação acontece no contexto do livro. Já a pintura, possui um ritual de percepção que pode acontecer através de suas reproduções em livros de arte e por meio de sua observação direta em museu ou galeria, onde é a melhor forma de apreciá-la integralmente (OLIVEIRA, 2008).

Ao conceituar a palavra ilustração podemos relacioná-la à pintura, como uma forma de se analisar o processo de criação do ilustrador e saber até onde vão suas limitações. A ilustração e a pintura possuem algumas semelhanças e divergências,

mas seus limites são muito tênues. Ambas procuram expressar a subjetividade, se utilizam das mesmas técnicas e são um acontecimento artístico. Na pintura o artista tem total liberdade para colocar a sua expressividade, para fazer experimentações e criar novas linguagens. Já na ilustração a subjetividade está atrelada a um texto. Por mais liberdade que um ilustrador possa ter, ele tem sempre uma referência determinada para a sua criação.

A pintura pode também ser uma grande fonte de informação e inspiração para o aluno. Para exemplificar essa afirmação, em seus primórdios, a ilustração em meados do século XIX recebeu influências de vários pintores e estilos de pintura que eram fonte de inspiração para os ilustradores de livros para crianças. O academismo francês com seu romantismo moral, alegorias, temas mitológicos e heroicos; a pintura inglesa acadêmica que pintava o cotidiano bem como temas fantásticos – fadas, duendes, folclore, etc; a arte *nouveau* com suas cores chapadas e o uso da linha; a poesia e a pintura simbolista, dentre outras, foram influências para a ilustração da época (Oliveira, 2008). Seria enriquecedor para o ensino da ilustração, oferecer ao aluno a oportunidade de apreciar obras de alguns ilustradores do século XIX, para que ele possa perceber a influência da pintura no trabalho desses artistas, em relação ao seu traço, estilo, cor, linha, etc.

A influência da pintura no trabalho dos ilustradores pode ser vista até os dias de hoje. Marilda Castanha, Angela Lago e André Mendes são alguns exemplos. *O grito*, do artista norueguês Edward Munch, serviu de inspiração a Marilda Castanha para que ela criasse um personagem. “Sempre pressenti que essa imagem proporcionava outras histórias, que ela carregava em si diferentes possibilidades”, proporcionando “outras e diferentes formas de leitura” (CASTANHA, 2008, p. 151). André Neves (2013) cita as influências de alguns pintores em seu trabalho de ilustração, dentre eles Teresa Costa Rêgo e Reinaldo Fonseca. Sempre que mentalmente lhe surgem imagens, o artista recorre a esses artistas, como forma de inspiração, de buscar soluções plásticas, formas, etc. Angela Lago faz remontagens a partir das imagens de Albrecht Dürer criando a sua própria versão – a característica de Angela.

Com esse gesto, além de desmistificar a falsa ideia de que o artista “cria do nada”, Angela aponta para uma nova direção, aponta para Dürer e aumenta o campo de possibilidades interpretativas, além de despertar no leitor o

interesse pelo conhecimento da obra de Dürer, caso não a conheça (dessa forma permite uma atualização dela mesma como escritora e do leitor) (MENDES, 2007, p. 44).

### 3.2 Ilustração, livro e suas histórias

Nesta etapa exploram-se alguns dos assuntos referentes aos itens ilustração, livro e suas histórias: a principal função da ilustração – o entretenimento, o prazer que ela oferece à criança; a ilustração de um termo abstrato como proposta de atividade; sugestão de uma nova maneira de apresentar o conteúdo histórico, obedecendo as fases de desenvolvimento do livro infantil, através de análise formal<sup>5</sup> e conceitual<sup>6</sup> de alguns livros.

Além de todos os conceitos para o termo ilustração como adornar, buscar aquilo que está nas entrelinhas, explicar, emocionar, provocar, dentre outros, é preciso entender que a experiência mais forte da criança diante de uma ilustração é o seu encantamento, o seu prazer de ver. Como revela Oliveira (2008), uma ilustração quando ultrapassa os limites do texto, representando aquilo que é indizível pela palavra, quando reproduz um universo desconhecido do seu pequeno leitor deixando interrogações para serem decifradas, torna-se eterna na memória visual da criança. Todas essas particularidades do significado da palavra ilustrar servem como guias para que possam penetrar no processo criativo do aluno.

Dentro de um texto, em muitos momentos, a palavra possui um aspecto abstrato, indigno de ser ilustrado, mas sim resguardado. A imagem literária possui vida própria e nem tudo que ela expõe precisa necessariamente da imagem visual. Da mesma forma, o discurso verbal pode não conseguir traduzir uma determinada imagem ou mesmo ser inoportuno para ela (OLIVEIRA, 2008). A ausência da ilustração se faz necessária e o ilustrador precisa ter a sensibilidade para saber quando, como e onde será a melhor forma de interpretar visualmente as palavras de um texto. Como já foi

---

<sup>5</sup> Cristina Biazzetto (2008) descreve sobre vários elementos visuais como linha, superfície, volume, luz, cor, capazes de auxiliar o ilustrador na construção de suas imagens e narrativas visuais, ao mesmo tempo em que conferem expressividade a elas.

<sup>6</sup> A parte conceitual relaciona-se à ideia, ao conceito de como representar uma determinada imagem em sua relação com um texto, palavra, frase, imagem ou o próprio livro enquanto objeto tridimensional.

afirmado por Oliveira (2008), nem tudo pode ser ilustrado. Cabe ao ilustrador encontrar o momento certo que deve ser transformado em imagem.

Uma atividade que poderia ser proposta para driblar este impasse da abstração seria a criação de imagens para uma palavra que carregue algum sentido abstrato, como forma de incitar o aluno a buscar uma resposta, uma solução gráfica-plástica-visual para o termo escolhido. Ao final, uma discussão sobre os resultados obtidos na turma, propará ao aluno perceber as diferentes formas de representação para uma mesma palavra, os resultados com soluções que consigam liberar a imaginação, que permitam outras leituras, etc.

Ao rever a parte teórica sobre a história da ilustração, percebo que ela poderia revelar com mais acuidade alguns pormenores das experiências plásticas, gráficas, físicas e visuais encontradas na ilustração e no livro como suporte. Mais do que propiciar o conhecimento da “história em si”, saber sobre as particularidades de uma ilustração, de um livro, ou de uma imagem traz ainda mais benefícios para o aluno iniciante que vai trabalhar com a elaboração de ilustrações para um texto.

Sophie Van der Linden<sup>7</sup> faz um estudo aprofundado sobre os livros infantis e sua evolução estética, as interações existentes entre texto, imagens e suportes. A partir da pesquisa dessa autora, descrevo a seguir alguns livros de ilustração infantil, produzidos no passado e que merecem ser destacados por possuírem concepções inovadoras na imagem, no design, resoluções criativas no campo gráfico, plástico, físico e visual. Essa pequena e resumida análise tem a finalidade de exemplificar uma forma talvez mais eficiente de direcionar o conteúdo sobre a história da ilustração, a fim de favorecer o aluno em suas atividades práticas e processo criativo.

Em 1919, a relação de texto e imagem dentro do livro infantil toma novos rumos. Se antes o texto prevalecia sobre a imagem, com a publicação de *Macao et Cosmage* de Edy-Legrand, o visual invade a narrativa verbal. O próprio formato quadrado do

---

<sup>7</sup> Sophie Van der Linden é autora do livro *Para ler o livro ilustrado*, S.P, editora Cosac Naify, 2011.

livro favorece a expansão da ilustração. Essa obra anuncia o livro ilustrado contemporâneo infantil (FIG. 16).

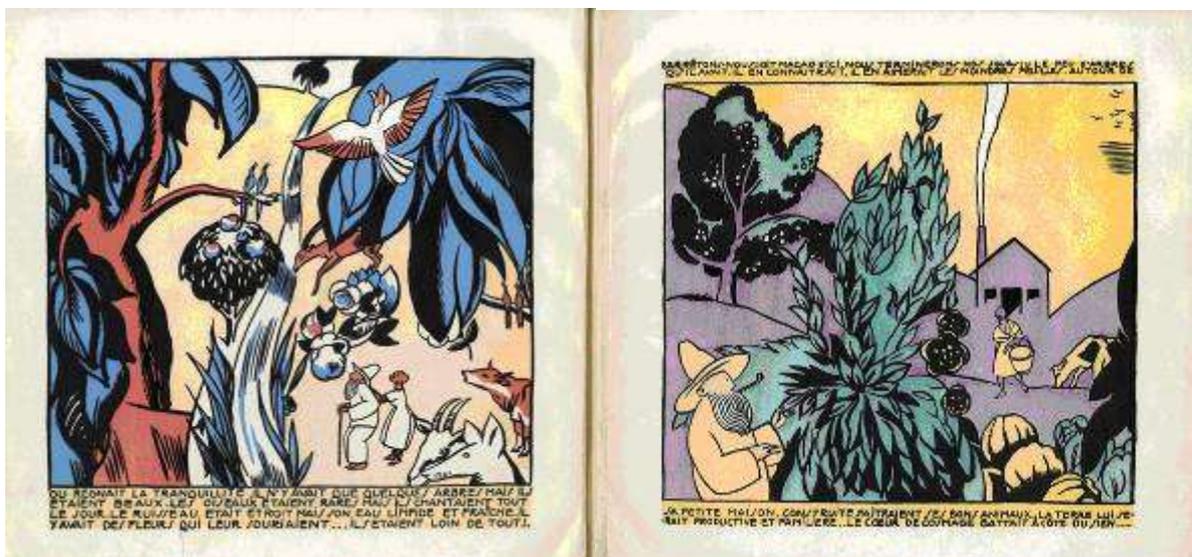


FIGURA 16 - *Macao et Cosmage*, Edy-Legrand  
Fonte: <<http://www.fulltable.com/VTS/aoi/l/legrand/mc.htm>>

A materialidade do livro, todos os seus componentes e a própria tipografia têm como objetivo no livro *Les larmes de crocodile* (1956) de André François, mostrar a importância do aspecto visual nos livros infantis – que é também uma preocupação do livro ilustrado contemporâneo. Todo o conjunto formal nesse livro contribui para dar expressividade à obra (FIG. 17).

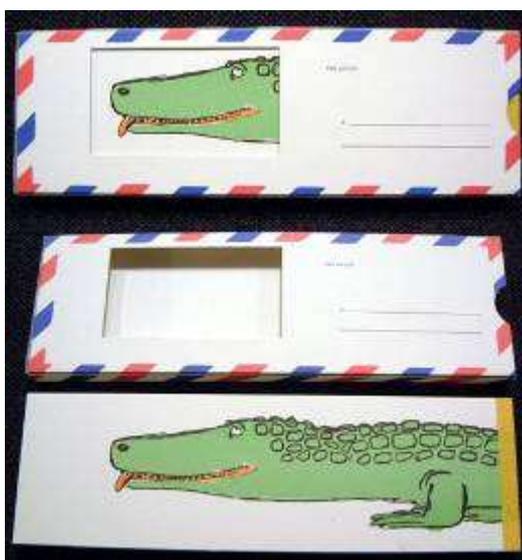


FIGURA 17 - *Les larmes de crocodile*, André François, 1956  
Fonte: <<http://organ.shop-pro.jp/?pid=4920461>>

Em 1967 é publicado *Onde vivem os monstros* de Maurice Sendack, que introduz uma imagem inovadora em relação à sua concepção: o inconsciente infantil passa a ser representado. Isso mostra como a imagem caminha para o simbólico, se libertando de sua funcionalidade pedagógica (FIG. 18).



FIGURA 18 - *Onde vivem os monstros*, Maurice Sendack, 1967  
 FONTE: <<http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=columnista-benevides>>

Em relação à parte formal, o autor utiliza os recursos de diagramação, disposição de elementos gráficos e textuais para contribuir com a narrativa da história, enfatizando partes do seu conteúdo. A moldura branca ao redor da ilustração se modifica: quando ela está maior tem um significado de retenção do personagem – ao fazer bagunça a moldura branca se expande, como se estivesse retendo a ação do menino (FIG. 19). À medida que o personagem dá asas a sua imaginação, a moldura branca vai diminuindo e a ilustração aumentando pelo espaço da página (FIG. 20).

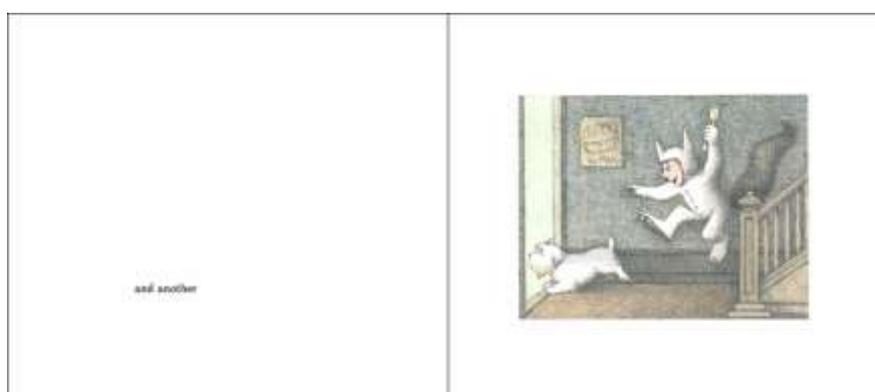


FIGURA 19 - *Onde vivem os monstros*, Maurice Sendack  
 Fonte: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052\\_5.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052_5.PDF)>



FIGURA 20 - *Onde vivem os monstros*, Maurice Sendack  
 Fonte: < [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052\\_5.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052_5.PDF) >

Essa análise poderá, para melhor compreensão, vir subdividida em fases: a Idade Média com a produção dos seus laboriosos manuscritos medievais, os primeiros impressos feitos especialmente para crianças (século XV), os livros infantis dos séculos XVIII ao XIX, a “fase de ouro” do livro infantil (início do século XX) e o *boom* da literatura infantil no Brasil a partir dos anos 1970.

As iluminuras, ilustrações feitas para os manuscritos medievais, possuem qualidade e beleza plásticas impressionantes, e até hoje continuam a influenciar alguns ilustradores contemporâneos. Seria curioso e ao mesmo tempo enriquecedor para o repertório imagético do aluno, pesquisar sobre o trabalho dos monges iluminadores, a maneira que eles utilizavam a imagem como processo narrativo, a diagramação das páginas, os elementos usados como decorativos, o recurso dos quadrinhos e do balão, etc. Após essa pesquisa seria proposto ao aluno, uma atividade prática de ilustração baseada no conteúdo formal das iluminuras medievais. O aluno seria desafiado a elaborar um livro com texto e ilustrações, utilizando os recursos plásticos e visuais das iluminuras para criar a sua própria poética, a partir dos poemas *Canções da inocência*<sup>8</sup> de William Blake<sup>9</sup>.

### 3.3 A estrutura física do livro:

<sup>8</sup> Os poemas *Canções da inocência* estão disponíveis em: <<http://www.arquivors.com/wblake1.pdf>. Acesso em 04/12/2013>.

<sup>9</sup> William Blake: poeta, artista plástico e ilustrador inglês do século XVIII.

Dentre os elementos da estrutura física do livro, selecionou-se apenas as folhas de guarda, para se fazer uma explanação de suas características, com sugestão de atividade prática. Elas poderiam propiciar ao aluno o desenvolvimento de um trabalho mais livre em relação ao texto.

As folhas de guarda têm a função básica de dar proteção e acabamento à capa e contracapa, vindo coladas junto a elas – uma no início e outra no final do livro. A folha de guarda inicial é considerada a primeira imagem, escrita ou falada, que abre o livro. As folhas que não estão coladas à capa são chamadas de contraguarda e trazem os mesmos elementos da guarda. Vem crescendo o número de criadores de livros que utilizam essas folhas para outras possibilidades de uso, como “paratextos adicionais que contribuem de várias maneiras para a história” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 314). De acordo com essas autoras, as folhas de guarda podem fazer parte da narrativa e até mesmo influenciar o leitor em sua interpretação do texto. Geralmente as guardas iniciais e finais são idênticas, mas podem ser brancas, neutras, coloridas, ou com um mesmo padrão de desenho repetidamente. Por vezes pode também apresentar uma escrita.

Há vários exemplos de folhas de guarda com finalidades diversificadas: ajudam na narrativa da história, criam novas narrativas, trazem novos elementos à história, enfatizam o conteúdo, etc. Elas podem repetir um personagem em ações não mencionadas na história, enriquecendo a narrativa; repetir um personagem em posições diferentes; ter arabescos pertencentes ao miolo; representar uma cena na guarda inicial e outra na guarda final – cenas novas ou já existentes na história, etc.

Como vimos, as folhas de guarda podem propiciar um grande número de possibilidades narrativas para enriquecimento da história. Diante disso, uma atividade prática que envolva a elaboração de desenhos para folhas de guarda pode dar ao aluno de ilustração a oportunidade de liberar a sua imaginação, de experimentar materiais, técnicas e papéis diferentes e servir de desafio para a criação de narrativas visuais. Essa liberdade advém do próprio conteúdo das guardas, que pode abranger toda ou qualquer parte da história e ir além dela. O papel poderá ser trabalhado em página dupla, ou separadamente, em página simples. Nesse último caso espera-se que o aluno encontre soluções diversas para

cada uma das guardas (inicial e final), porém com uma ideia de sequência narrativa ou de unicidade na cor, elementos, etc. Para a realização desse exercício o aluno precisa ter em mãos um texto de literatura infantil como base para a sua criação. De antemão, a visualização de imagens (folhas de guarda) se faz necessário, seja através de livros, *Datashow* ou *PowerPoint*. É interessante que o aluno veja imagens de folhas de guarda juntamente com o conteúdo do livro para o qual elas foram criadas, ou seja, é uma forma de se entender melhor a ideia do ilustrador.

### 3.4 Técnicas próprias de ilustração:

Nesta etapa, a técnica é explorada em uma atividade que permita ao aluno ter conhecimentos sobre materiais, suportes, meios de execução, conjugados com a criação de imagens, de uma forma bastante livre. Também aqui se faz breve referência aos recursos técnicos do computador.

A investigação artística do início do século XX como a *assemblage*<sup>10</sup>, o *dripping*<sup>11</sup>, a *collage*<sup>12</sup> e as técnicas mistas marcaram influência na ilustração para livros infantis dando uma nova forma de expressão a ela, diferentemente dos moldes tradicionais (Charréu, 2012).

“O uso de técnicas diferentes enriquece o universo visual da criança, estimula sua percepção, sua apreciação estética e sua própria criação plástica” (LINS, 2003, p. 52).

Esta diversidade de concepções artísticas pelo uso da técnica pode ser uma proposta interessante de atividade prática para criação de ilustrações. Ela pode permitir que o aluno trabalhe a ilustração com liberdade para desenhar, soltar o seu traço, deixar o acaso “falar” no desenho, através de experimentações com diferentes tipos de técnicas. Principalmente para o aluno iniciante, uma atividade dessa natureza, em que ele possa criar livremente sem a necessidade de seguir um texto é

---

<sup>10</sup> O termo *assemblage* faz referência ao acúmulo de materiais, indo além da colagem.

<sup>11</sup> *Dripping* significa gotejamento e/ou respingamento de tinta sobre um suporte.

<sup>12</sup> *Collage* se refere a objetos bidimensionais colados sobre um suporte.

uma forma de fazê-lo familiarizar com o universo da ilustração, de uma forma mais tranquila, sem as exigências da narrativa verbal. Nessa atividade é muito importante o auxílio do professor para mostrar a maneira de como usar as ferramentas de trabalho, de preparar os suportes, os efeitos que se pode alcançar com as técnicas utilizadas e o uso de outros materiais alternativos e/ou acessórios importantes para facilitar e agilizar o trabalho.

Cabe salientar aqui técnicas de colagens que não são visíveis ao olho do leitor, estão “camufladas”, pois são realizadas apenas para dar o efeito visual almejado pelo ilustrador, através do computador. Angela Lago utiliza dessa ferramenta para criar suas imagens. Em seus livros *De morte!* e *Sua alteza a divinha* a artista faz recortes e colagens de imagens de outros ilustradores (anônimos e antigos) para construir suas próprias imagens.

O computador é uma ferramenta de trabalho que pode ser um aliado do ilustrador quando a intenção é conjugar texto e imagem, fazer recortes e colagens, acrescentar detalhes gráficos para finalização. Ele não substitui as técnicas tradicionais, mas pode simulá-las através de programas próprios para isso e inúmeras outras possibilidades de construção visual.

### **3.5 Algumas ilustrações**

Nesta etapa, ressalta-se a importância para o aluno de conhecer e compreender o processo criativo dos ilustradores. Outras maneiras de apresentar o trabalho desses artistas, que não apenas em livros e imagens em *Datashow*, são sugeridos – os vídeos.

É extremamente necessário para o aluno de ilustração, conhecer e entender o processo criativo de um ilustrador, pois é uma maneira de ele se aproximar, de forma mais intensa, do universo da ilustração.

O aluno vê uma ilustração no interior de um livro, mas não consegue imaginar as etapas que o ilustrador precisou “trilhar” até conseguir chegar àquele resultado. Ele

enxerga a ilustração com a sua percepção, mas sem as “confidências” de criação do ilustrador.

Em minhas pesquisas atuais encontrei uma série de vídeos sobre como um determinado ilustrador constrói as suas imagens, que solução gráfica o atrai, quais os artistas influenciam o seu trabalho, etc. Quando assistimos a um vídeo estamos vendo e escutando, sendo a linguagem oral bem mais clara e simples para ser compreendida. Em entrevistas, o próprio ilustrador comenta sobre o seu trabalho, com o seu livro em mãos, mostrando detalhes, esclarecendo partes, que muitas vezes não compreendemos perfeitamente apenas pela leitura. Possibilitar ao aluno compreender o processo criativo de um ilustrador dessa forma é bastante enriquecedor. Alguns vídeos trazem também o próprio ilustrador em seu local de trabalho realizando a ilustração. Quando se tem a possibilidade de explicar um determinado assunto com o auxílio de um vídeo, o professor deve sempre fazê-lo.

Independente de ser vídeo ou qualquer outra mídia, o professor deve estar sempre pesquisando, para trazer ao conhecimento do aluno, ilustradores com propostas interessantes, criativas, diferenciadas, tudo a favor do repertório visual do aluno.

### **3.6 Etapas para produção da ilustração com atividade prática**

Nesta etapa, destacam-se a importância da “boneca” como sendo um suporte de apoio das ideias do aluno, e a maneira como ilustradores utilizam a conjugação de suas imagens visuais com o texto proposto, que pode ser um exemplo rico para o aluno em relação à concepção de imagem. Também o formato do livro e da “boneca” provocou o estudo dos vários formatos de livros, com atividade prática.

Em um exercício prático em que o aluno vai trabalhar a “boneca” de um livro é importante ressaltar e conscientizá-lo que a leitura desse livro não permanecerá apenas na correspondência entre texto e imagem, mas também na utilização do seu formato, do suporte, dos enquadramentos, da relação entre capa e guardas, miolo, etc. São muitos os elementos com função narrativa, que influenciam a leitura, oferecem expressividade ao livro como um todo e que podem ser explorados. A “boneca” é o local onde o ilustrador irá depositar as suas ideias, organizando seus

pensamentos, seja rabiscando, desenhando ou fazendo colagens, enfim é um local de estudo onde ele vai construir a “cara” que o livro vai ter.

Os métodos que alguns ilustradores utilizam para abordar um determinado texto são exemplos valiosos para que o aluno perceba como nasce um processo criativo. Rui de Oliveira em sua pesquisa formal para ilustrar o livro *Língua de trapos* de Adriana Lisboa, buscou o modo e a forma plástica de escrever do escritor. “A maneira delicada, redonda e sinuosa como escreve esta jovem e talentosa poeta inspirou-me a procurar soluções em forma de volutas” (OLIVEIRA, 2008, p. 152). Ele observou o aparecimento da letra “O” 29 vezes nas páginas 18 e 19 e essa análise o orientou a criar formas circulares, como se fosse uma sucessão de sons gerados pela poética dessa letra (FIG. 21).

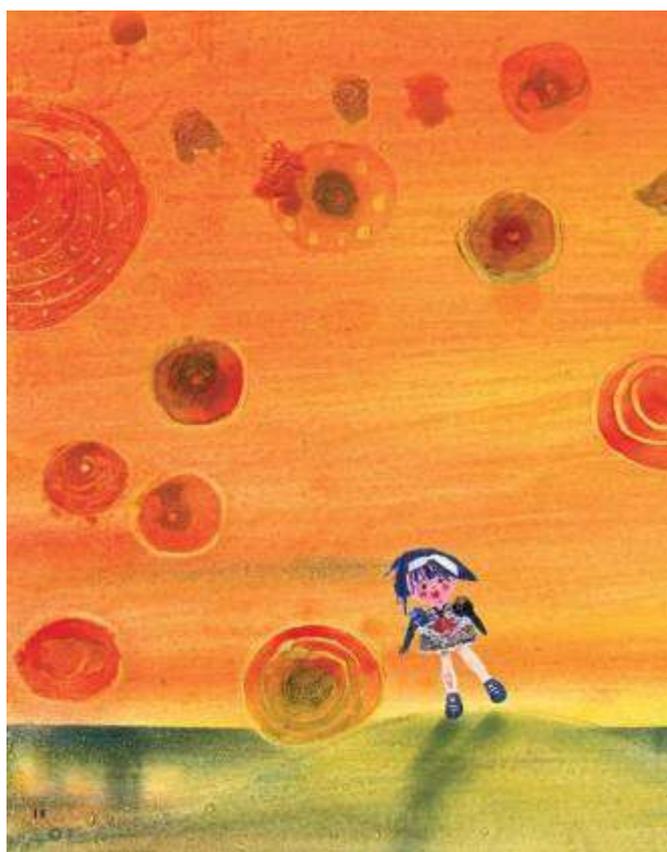


FIGURA 21 - *Língua de trapos*, Adriana Lisboa, p.18  
Fonte: <<http://www.ruideoliveira.com.br/en/livros/152/lingua-de-trapos/>>

Há uma grande variedade de formatos em livros infantis. A escolha de um ou de outro está ligado a questões de expressividade, manuseio, leitura e custo.

Geralmente o ilustrador recebe a “boneca” do livro já com o formato estabelecido pela editora para que ele possa criar as ilustrações a partir dela. Quando o ilustrador é também o autor do texto o formato pode ser escolhido por ele mesmo, a fim de atender a sua proposta de criação.

Os formatos mais encontrados em livros ilustrados são o vertical, o horizontal e o quadrado. O formato vertical traz imagens, na maioria das vezes isoladas. É um tipo de formato que ao ser usado em página simples, gera menos chance de se descrever o ambiente e maior concentração nas características do personagem. O formato horizontal possibilita uma composição mais aberta, panorâmica, útil para retratar espaço, movimento, tempo, imagens sequenciais. O formato quadrado assinala a prioridade da imagem sobre o texto. Ele oferece a oportunidade de detalhar cenas e personagens dando-lhes uma melhor visão. Quando ele é utilizado totalmente no espaço da página dupla, a imagem se torna mais larga (Linden, 2011)

Um exercício para trabalhar a construção de imagens para diferentes formatos é retirar dos livros de literatura infantil, manchas de texto com seus respectivos espaços em branco a fim de que o aluno possa exercitar sua criatividade em encontrar soluções gráficas e visuais, principalmente relacionadas à composição.

### **3.7 Livro de imagem**

O assunto – livro de imagem – foi adicionado à metodologia como forma de oferecer ao aluno a possibilidade de construir narrativas visuais, exercitando o uso exclusivo da imagem.

O livro de imagem apresenta a história, sem a presença do texto. Algumas vezes o texto aparece, minimamente, apenas como um detalhe a parte, cabendo às imagens a importância maior de narrativa dentro do livro.

O ilustrador em um livro de imagem conta a história através da própria imagem, em narrativas sequenciais. Para cada história, pode ser encontrada uma maneira particular de contar a subjetividade, as ideias, os sonhos, etc do ilustrador. Para dar vida aos seus pensamentos, o ilustrador tem a seu favor o suporte físico – livro – um

objeto que pode ser usado para dar expressividade, auxiliar no contar a história e muitas vezes servir como um elemento lúdico.

O livro de imagem *Cântico dos cânticos* de Angela Lago nos coloca um questionamento sobre a sequência narrativa concreta – começo, meio e fim (CASTANHA, 2008). Nesse poema visual, a autora nos oferece um livro que pode ser lido de frente para trás, de trás para frente, de ponta-cabeça. Ele traz novas formas de leituras, diferentes daquelas que estamos habituados a fazer – sempre da esquerda para a direita.

Há também o livro de imagem em que as narrativas sequenciais aparecem da esquerda para a direita, o que se vê com maior frequência (FIG. 16).



FIGURA 16 - *A bruxinha atrapalhada*, Eva Furnari

Fonte: <<http://artedeeducardeiseanelage.blogspot.com.br/2011/04/bruxinha-atrapalhada.html>>

Outras particularidades oferecidas pelo suporte livro é a dobra no meio da folha, que pode ser aproveitada para dar expressividade, acentuando uma emoção, a perspectiva, um movimento e ainda enfatizando o conteúdo da história. No momento em que a página é manuseada, virada pelo leitor, todos esses efeitos visuais vêm à tona – têm-se novas formas de leitura, outras maneiras de absorver a história.

No livro *Mateus* de Nelson Cruz, a sequência narrativa em cores e textura da tinta acrílica é interrompida por páginas em preto e branco. Este recurso visual onde uma nova situação é criada – a linguagem dos quadrinhos – introduz um novo ritmo ao texto, sem prejudicá-lo, mas enriquecendo-o (CASTANHA, 2008).

A atividade prática para a elaboração de um livro de imagem pode ficar a critério do aluno: usar um texto de literatura para traduzi-lo apenas por imagens, deixar que as ideias para a história venham da sua própria criatividade, ou reelaborar um livro de

imagem já publicado. É preciso que os alunos leiam muitos livros de imagem, para compreenderem melhor as diferentes maneiras de se criar narrativas sequenciais.

É preciso orientar a produção do livro no sentido de que “as cenas ilustradas devem ser planejadas para que a ilustração dê conta de uma série de informações geralmente fornecidas pelo texto” (NECYK, 2006, p. 04).

Sobre a concepção de um livro de imagens Marilda Castanha explica:

Projetos gráficos que conversam com as possibilidades do próprio objeto-livro, linguagem de quadrinhos, movimentos de cinema, metáforas, metalinguagem, elementos visuais, enfim, todo o conjunto de peculiaridades da narrativa visual, aliado às ideias e à sensibilidade de cada ilustrador, conduzem o leitor na sua tarefa de perceber ou, simplesmente, ler as imagens (CASTANHA, 2008, p. 158).

### **3.8 Livro-objeto**

Assim como o livro de imagem, o livro-objeto foi acrescentado à metodologia para oferecer ao aluno a oportunidade de trabalhar suportes e técnicas diferenciadas. Também oferece condições para o desenvolvimento de narrativas visuais, envolvendo imagem, texto e suporte.

O livro-objeto é uma reinvenção da maneira de se contar uma história, de manipular o livro, para levar o pequeno leitor a sentir prazer em se aproximar de um objeto tão precioso – o livro. O livro-objeto é também um material instigante e pode atrair tanto a criança, quanto o adulto.

Munari criou livros, cuja finalidade é entreter a criança através de experimentações sinestésicas.

Com a percepção das sensações táteis, térmicas, sonoras e olfativas, pode-se projetar um conjunto de objetos semelhantes aos livros – porém todos diferentes para a informação: visual, tátil, material, sonora, térmica – todos do mesmo formato, como os volumes de uma enciclopédia que conte todo o saber ou, pelo menos, muitas e diferentes informações (MUNARI, apud, ROMANI, 2011, p. 23).

Pacovská utiliza em muitos dos seus trabalhos temas extraídos dos contos de fadas. A artista emprega com frequência “figuras geométricas, cores vivas e contrastantes, e ilustrações que sobrepõem colagem e pintura” (ROMANI, 2011, p. 11).

O tema livro-objeto oferece ao aluno de ilustração uma infinidade de materiais, técnicas e suportes para trabalhar a imagem. Em uma atividade prática, não apenas narrativas, mas também o lúdico, como o jogo por exemplo, podem ser pensados para concretizar uma ideia em um determinado suporte. A folha plana de papel cede espaço para outros suportes como caixas, madeiras, plásticos e vários outros materiais inusitados que o aluno poderá pesquisar, para criar seu livro-objeto. A materialidade e o tridimensional poderão ser explorados nos materiais selecionados para a concepção do livro-objeto, visto que seria uma atividade prática de caráter experimental. É de suma importância que o aluno faça uma pesquisa sobre o livro-objeto (materiais e propostas de artistas) e principalmente tenha acesso a imagens para enriquecer o seu repertório gráfico, plástico, físico e visual. O professor tem um papel fundamental nessa parte ao selecionar livros-objetos com propostas diferenciadas, que possam servir de inspiração ao aluno. Ele deve também sugerir, por exemplo, temas do cotidiano (cidade, mar, números, frutas, entre outros), como base de criação (ROMANI, 2006). A partir de trabalhos dos artistas dessa mídia e de todas as outras possibilidades gráficas, plásticas, físicas e visuais já estudados, o aluno poderá experimentar a construção de um livro-objeto.

Neste capítulo tentei agregar apenas alguns assuntos da metodologia apresentada para se fazer as reflexões e complementações necessárias ao seu enriquecimento teórico e prático. Como já foi dito, não seria possível analisar todo o conteúdo metodológico, simplesmente por questões de espaço e tempo. Os critérios utilizados para a escolha dos temas analisados e complementados relacionam-se à parte formal e conceitual da ilustração. Saber sobre o uso da linha, composição, cor, bem como as relações da imagem com o texto, suporte, dentre outras, trazem para o aluno conhecimentos que podem auxiliá-lo na concepção de suas próprias imagens. É também uma forma de levá-lo a raciocinar sobre as particularidades da ilustração e utilizá-las para a construção de sua narrativa visual.

Neste trabalho, foram feitas complementações teóricas e práticas em algumas partes do conteúdo metodológico do curso *Oficina de ilustração de livros*, que ministrei em 2006. Elas são aqui situadas para que se possa ter melhor visualização, e entendimento das informações que foram analisadas e acrescentadas. As complementações seguem descritas obedecendo a ordem dos subitens do capítulo 3:

3.1. Complementações em relação à produção artística do professor e aos temas pintura e ilustração.

3.2. A função da ilustração; o abstrato e a ilustração; a história contada através de livros e suas particularidades.

3.3. As folhas de guarda e suas possibilidades gráficas, físicas e visuais para elaboração de imagens.

3.4. A técnica como uma aliada à criação de imagens de forma livre e espontânea.

3.5. O processo criativo de ilustradores a partir de outras formas de apresentação e visualização de seus trabalhos – os vídeos.

3.6. A “boneca” como suporte de criação; a conjugação imagem e texto nas mãos dos ilustradores; as especificidades de alguns formatos de livros em relação à imagem.

3.7. A criação de narrativas visuais a partir do livro de imagem.

3.8. O livro-objeto como possibilidade gráfica, plástica, física e visual para a criação de imagens e narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma metodologia para o ensino da ilustração infantil que pudesse servir de subsídio teórico e prático tanto para o professor quanto para o aluno interessado na arte da ilustração. Para tal, foram feitas complementações em algumas partes de seu conteúdo como uma maneira de torná-lo mais eficiente, mais rico de informações, capaz de ampliar os conhecimentos em ilustração de ambas as partes – professor e aluno.

As complementações foram feitas através de uma análise de cada etapa da metodologia apresentada. Por questões de espaço e tempo, neste trabalho buscaram-se apenas alguns itens positivos e/ou negativos da metodologia em questão que fossem mais relevantes para serem analisados e complementados. O raciocínio utilizado para a escolha de um assunto em detrimento de outro diz respeito àqueles que contribuíssem mais intensamente com informações acerca da parte formal e conceitual da ilustração.

Na complementação da parte teórica sobre a história da ilustração, principalmente, vemos como existe uma série de livros que podem ser pesquisados em suas particularidades formais e conceituais, como o uso da composição, cor, técnica, interações entre texto, imagens e suporte, etc. Todos esses elementos podem enriquecer o repertório visual do aluno e trazer conhecimentos acerca do processo criativo do ilustrador, ajudando-o na concepção de suas próprias imagens.

Em relação à parte prática, atividades que permitam ao aluno trabalhar com maior liberdade são bastante úteis. Principalmente para um aluno iniciante, elas podem fazê-lo soltar o seu traço, familiarizar-se com as técnicas, liberar a sua imaginação e criatividade de forma mais fluida, sem o compromisso de vínculo com um texto. Por outro lado, atividades que envolvam a criação de uma poética própria para um determinado texto também são importantes, pois é o momento do aluno colocar em prática todos os conhecimentos teóricos que ele conseguiu absorver. Ele vai precisar buscar uma interpretação visual para o texto e isso envolve pensar em composição, cor, conceitos, forma, espaço, linha e uma série de outros elementos. É uma forma

de exercitar a imaginação do aluno para que ele possa encontrar a sua própria originalidade.

Ao reler cuidadosamente toda a metodologia apresentada, para que pudessem ser feitas as reflexões e seus devidos acréscimos, percebi como a busca incessante nas pesquisas ampliam consideravelmente os conhecimentos sobre um determinado assunto, no caso aqui a ilustração. As reflexões nasceram semelhantes a um processo de criação de ilustrações: a metodologia foi lida e relida a fim de encontrar em suas “entrelinhas” os pontos que poderiam ser explorados, enriquecidos, com novas atividades práticas e teoria. Da mesma forma, um ilustrador quando lê um texto diversas vezes vai encontrando as imagens, os elementos e as soluções gráficas, plásticas, físicas e visuais que darão sustentação ao desenvolvimento do seu trabalho.

A experiência na elaboração deste trabalho enfatizou a ideia de que o processo de pesquisa de um professor deve ser contínuo: a busca por conhecimentos é uma forma de ele estar sempre se atualizando, procurando enriquecer o conteúdo de suas aulas, facilitando a aprendizagem do aluno, buscando novas estratégias de ensino, ajudando-o na construção e ampliação de conhecimentos, aqui especificamente na arte da ilustração infantil.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H.T.G.P; REYLI, L.H. Livro de Imagem: três artistas narram seus processos de criação de narrativas visuais. *Cultura visual*, Salvador, n. 15, p. 31-47, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000782551>>. Acesso em: 03/11/2013.

BIAZETTO, Cristina. *As cores no livro infantil e juvenil*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. BH: Lê, 1995.

CAMARGO, Luís Hellmeister de. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras na Área de Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135504>>. Acesso em: 03/11/2013.

CAMPOS, Rosinha. *Depoimentos*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

CASTANHA, Marilda. *A linguagem visual no livro sem texto*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

CHARRÉU, Leonardo. *Arte visual contemporânea, ilustração e literatura para a infância: fazendo conexões entre mundos criativos*. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/6295>>. Acesso em: 26/11/2013.

FERRARO, Mara Rosângela. *O livro de imagens e as múltiplas leituras que a criança faz do seu texto visual*. 2001. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000232612>>. Acesso em: 30/10/2013.

FITTIPALDI, Ciça. *O que é uma imagem narrativa*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

GOÉS, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson (Orgs), *A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores*, SP: Paulus, 2009.

GUIDIO, M.C.M.S; ALENCAR, R.N. *O visual como questão na literatura infanto-juvenil contemporânea*. Universidade Federal de Rondônia. Disponível em:

<[http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72\\_599\\_293\\_.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72_599_293_.pdf)>. Acesso em: 30/10/2013.

LAGO, Angela. 1996. Entrevista concedida a Vereda Literária. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2zbfLZA0nEM>>. Acesso em: 30/10/2013.

LAGO, Angela. *Depoimentos*, em IEDA DE OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

LAGO, Angela. *Ponte das intencionalidades*, em GOÉS, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson (Orgs), *A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores*, SP: Paulus, 2009.

LAGO, Angela. *Entrevista*, em PARAGUASSU, Maurício; MORAES, Odilon; HANNING Rona (org). *Traço e Prosa*. SP: Cosac Naify, 2012.

LINDEN, Sophie Van Der. *Para ler o livro ilustrado*. SP.: Cosac Naify, 2011.

LINS, Guto. *Livro infantil? - Projeto Gráfico, Metodologia, Subjetividade*. SP: Rosari, 2002.

MENDES, André. *O amor e o diabo em Angela Lago: a complexidade do objeto artístico*. BH: Editora UFMG, 2007.

NECYK, Barbara Jane. *Texto e Imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio, 2007. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052\\_4.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10052/10052_4.PDF)>. Acesso em: 30/10/2013.

NEVES, André. 2013. Entrevista concedida a Iluminuras, TV Justiça. Disponível em: <<http://tv-justica.blogspot.com.br/search?q=andr%C3%A9+neves>>. Acesso em: 30/10/2013.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. SP: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. SP: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui. *Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. RJ: Nova Fronteira, 2008.

PARAGUASSU, Maurício; MORAES, Odilon; HANNING Rona. *Traço e Prosa*. SP: Cosac Naify, 2012.

ROMANI, Elizabeth. *Design do livro objeto*. SP, 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-115004/pt-br.php>>. Acesso em: 30/10/2013.

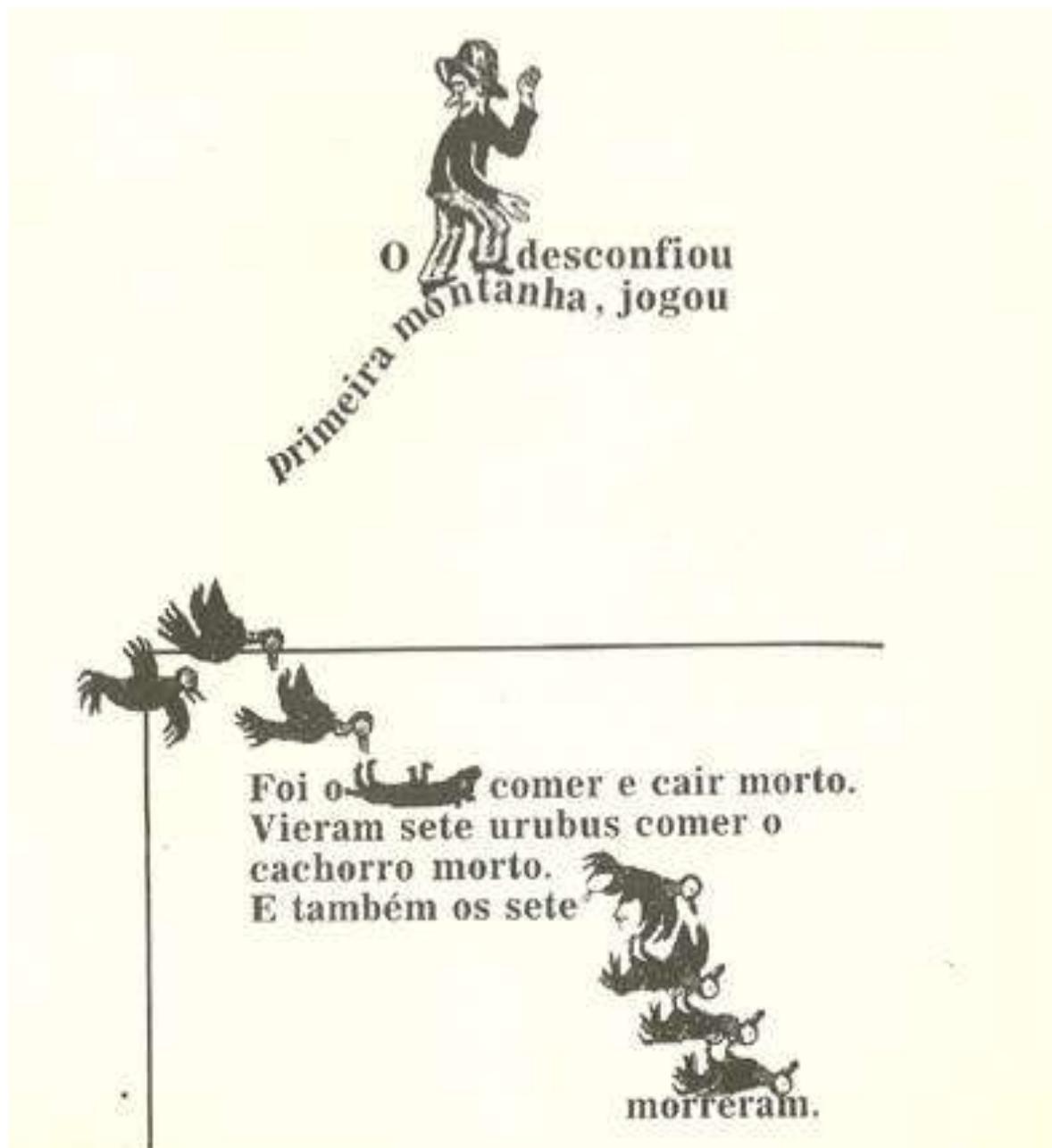
TERRA, Ana. *Depoimentos*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

VENEZA, Maurício. *Depoimentos*, em lida de OLIVEIRA (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*, SP: DCL, 2008.

XAVIER, Marcelo. A diversidade de técnicas. *Releitura*, Belo Horizonte, n.0, 43, ago/set. 1991.

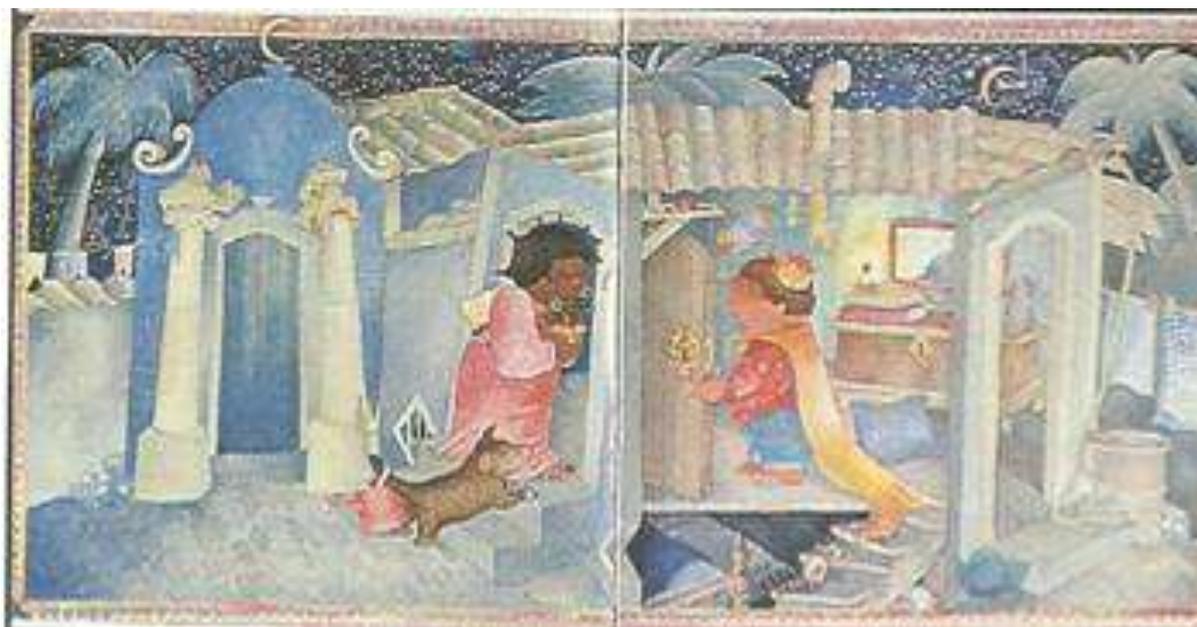
## ANEXOS

Anexo A - *Sua alteza a divinha*, Angela Lago, s.p.

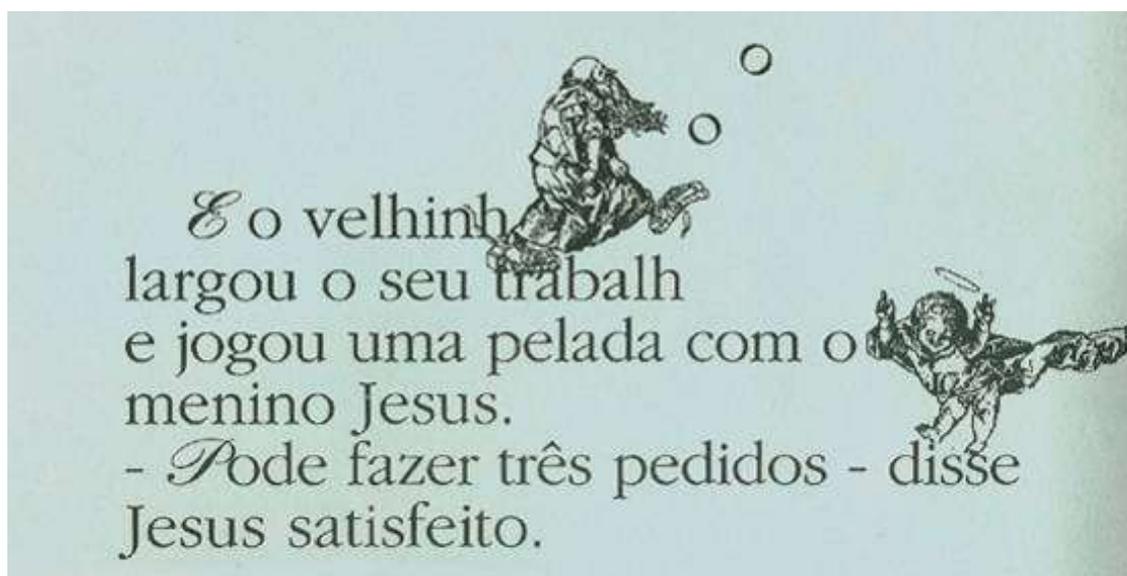


Fonte: MENDES, 2007, p. 59

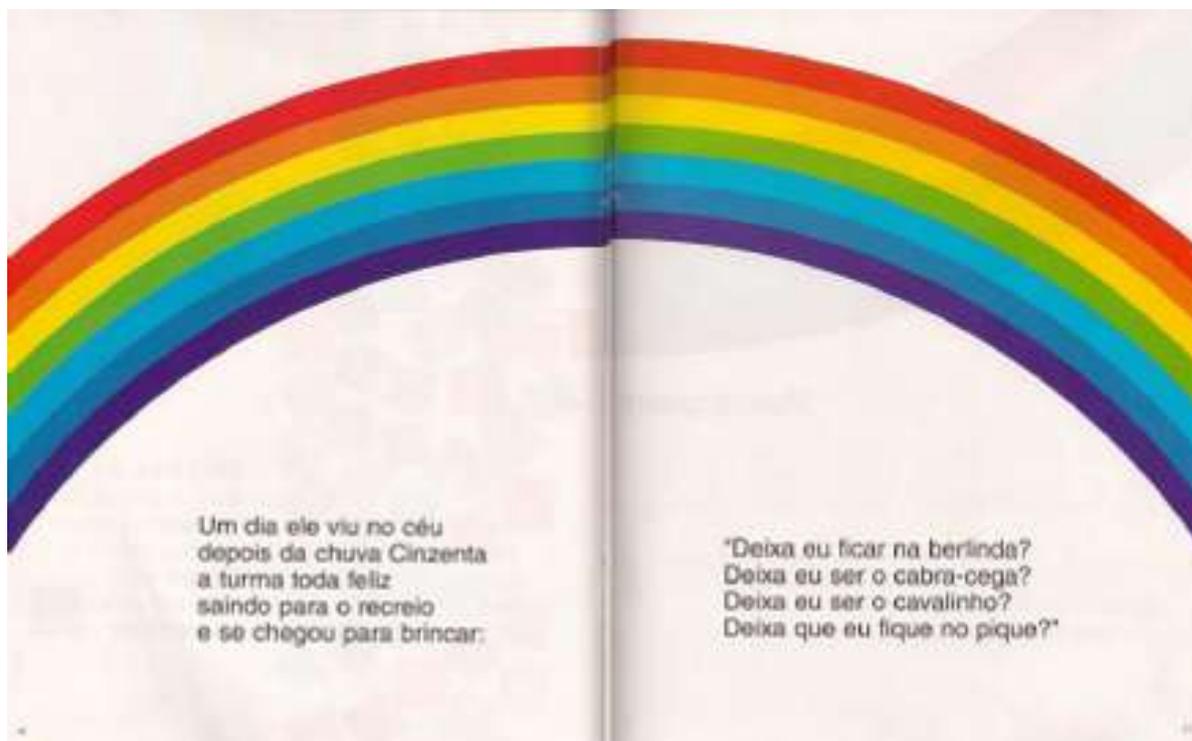
Anexo B - *Outra vez*, Angela Lago, s.p.



Fonte: CAMARGO, 1995, p. 147

Anexo C - *De morte!*, Angela Lago

Fonte: LAGO, 1992, s.p.

Anexo D - *Flicts*, Ziraldo, p. 24-25

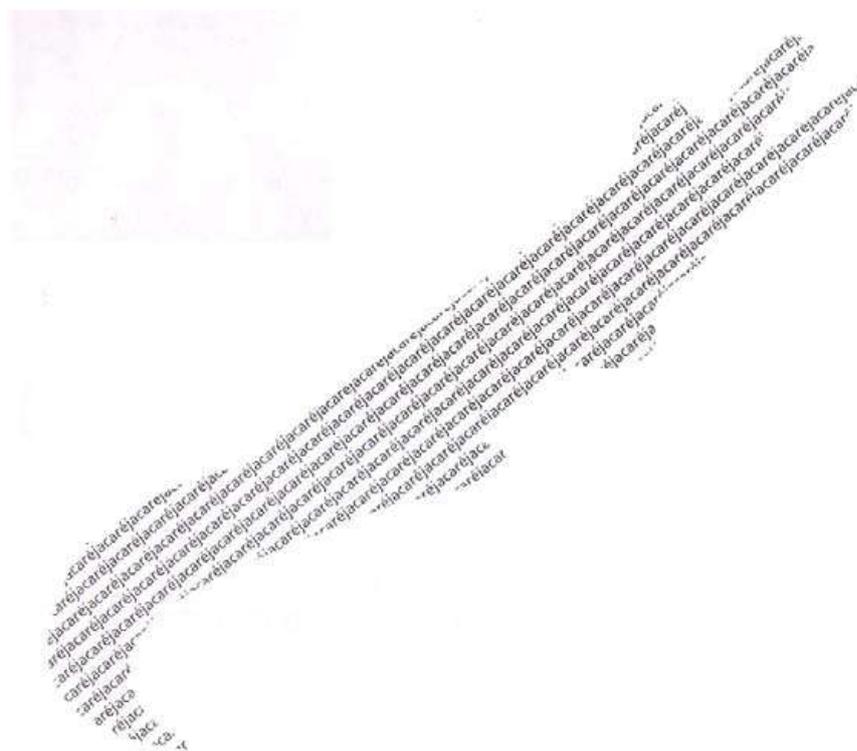
Fonte:

[http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72\\_599\\_293\\_.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72_599_293_.pdf)

Anexo E - *Flicts*, Ziraldo, p. 20-21

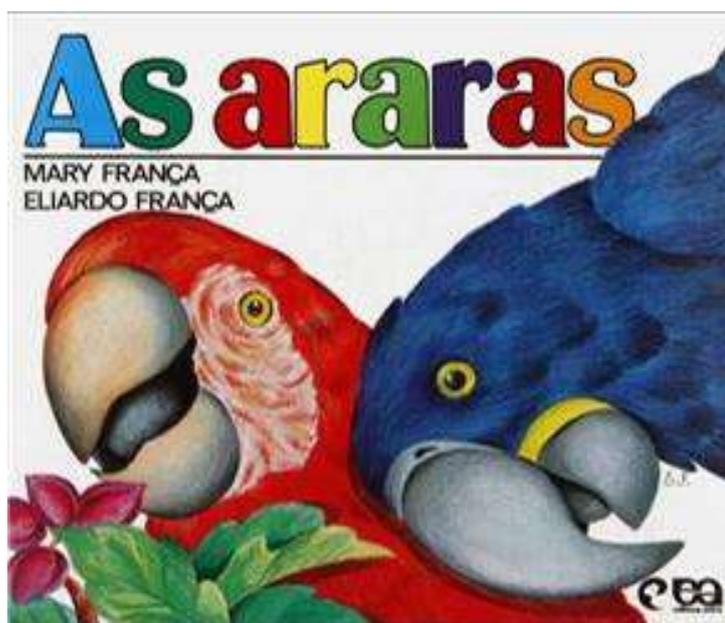
Fonte:

<[http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72\\_599\\_293\\_.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/272ea0c2a44835c53d646095d196ad72_599_293_.pdf)>

Anexo F - *Jacaré Letrado*, Sérgio Cappareli, p. 33.

Fonte:

<<http://www.funedi.edu.br/files/mestrado/Dissertacoes/TURMA1/DissertacaoAlessandraFMorais.pdf>>

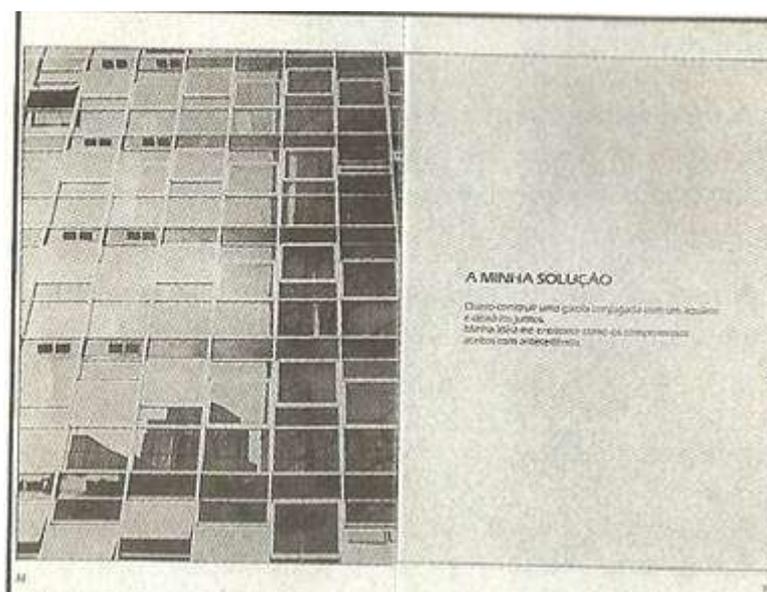
Anexo G - *As araras*, Eliardo França

Fonte: <<http://www.extra.com.br/livros/LiteraturaInfantojuvenil/Infantil-de4a10anos/Corre-Cutia-As-Araras-400128.html>>

Anexo H - *A caligrafia de Dona Sofia*, André Neves, p. 23

Fonte: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Gleissy-Kelly.pdf>>

Anexo I - *O peixe e o pássaro*, Haroldo Carneiro, p. 32-33



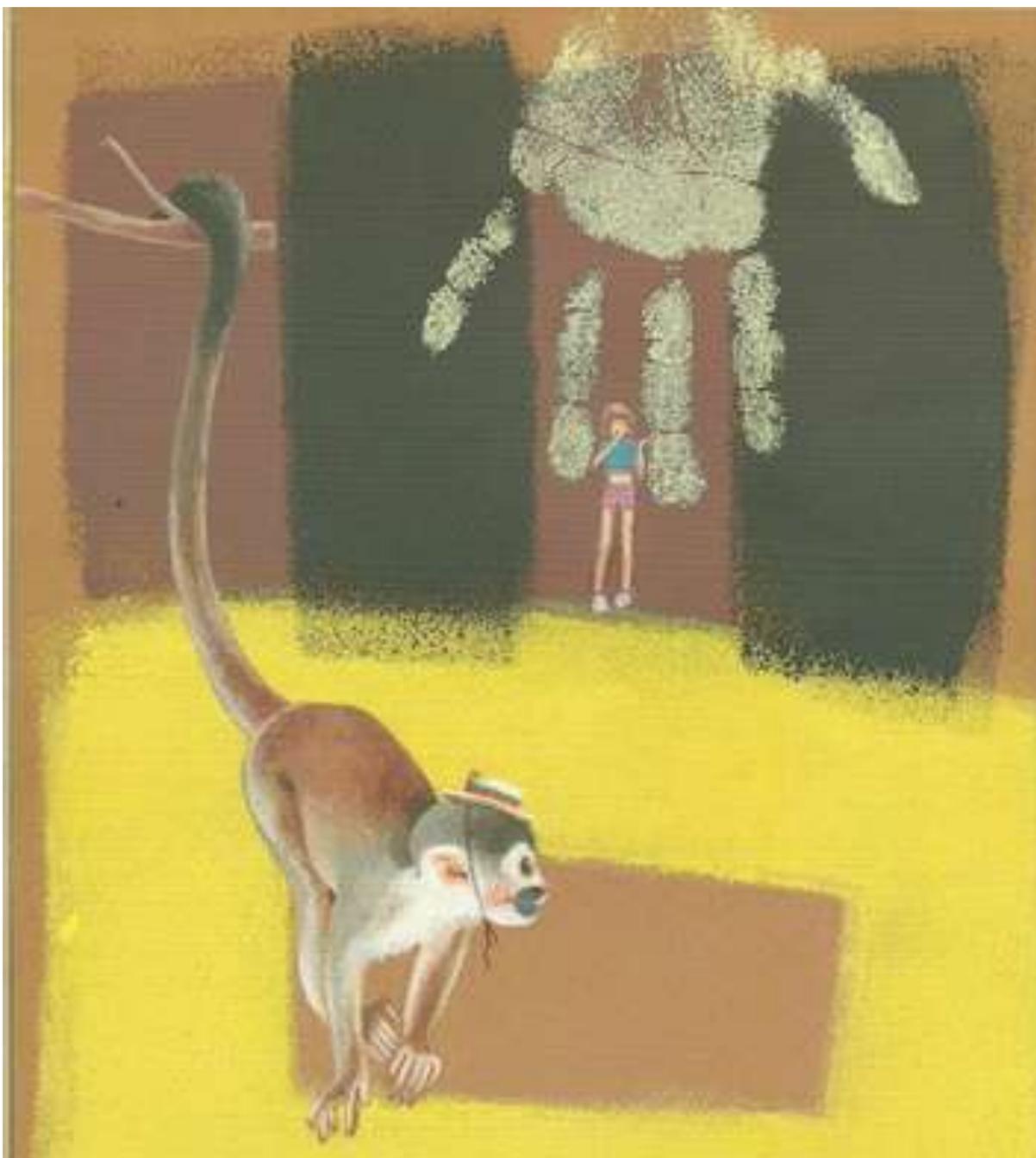
Fonte: CAMARGO, 1995, p. 36

Anexo J - *A caligrafia de Dona Sofia*, André Neves, p. 29



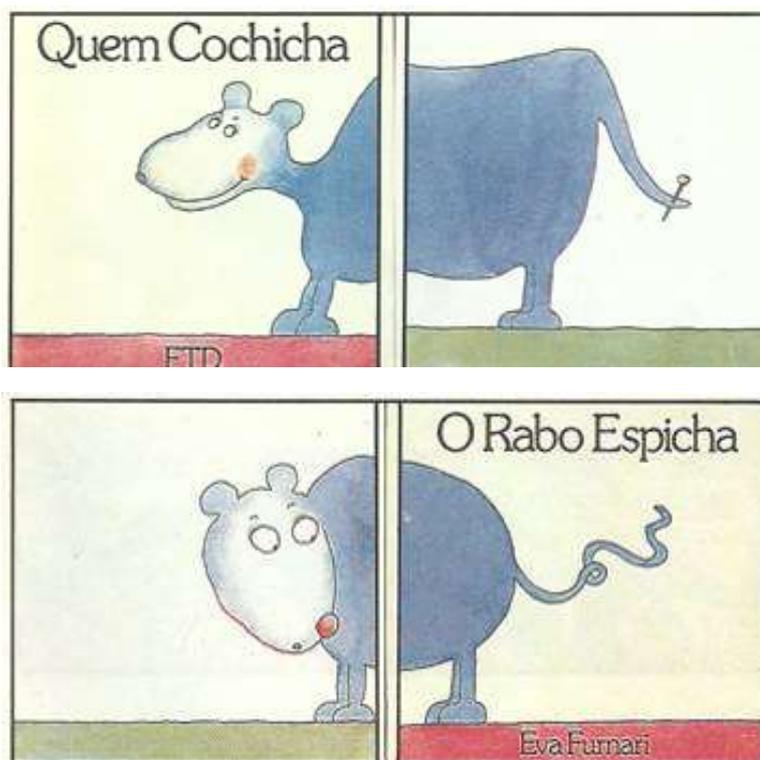
Fonte: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Gleissy-Kelly.pdf>>

Anexo K - *Fiz voar o meu chapéu*, Zeflávio Teixeira



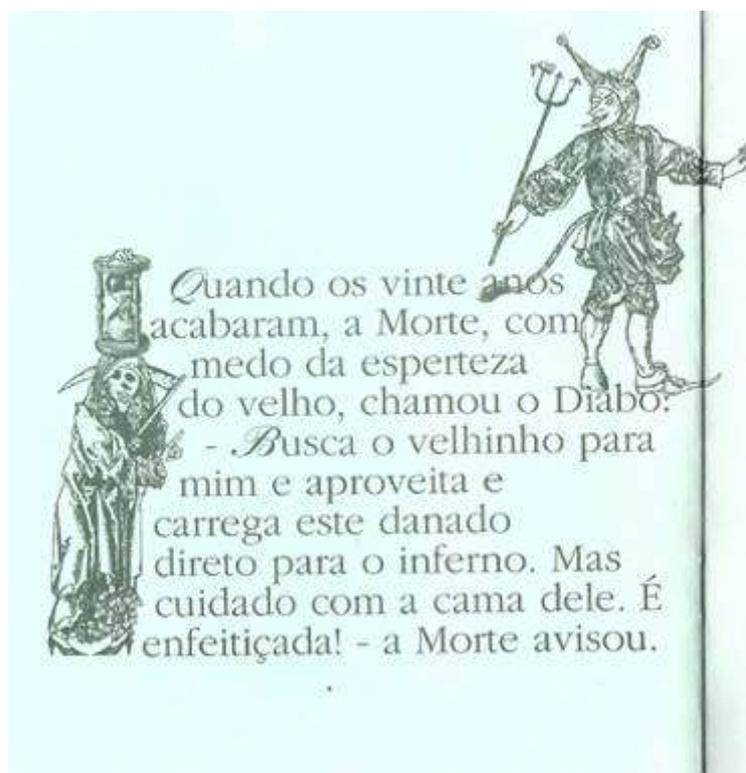
Fonte: MACHADO, 1999, p. 14.

Anexo L - *Quem cochicha o rabo espicha*, Eva Furnari, s.p.

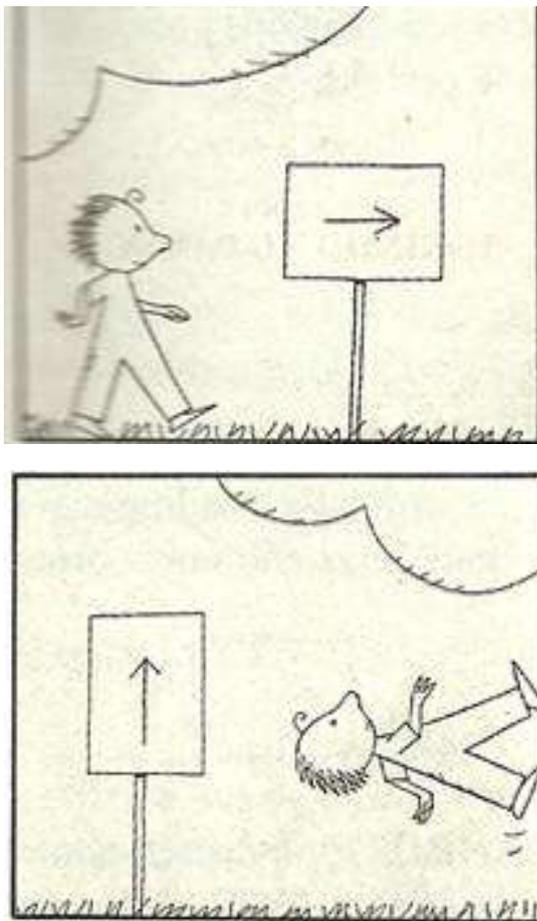


Fonte: CAMARGO, Ilustração do livro infantil, 1995, p. 140

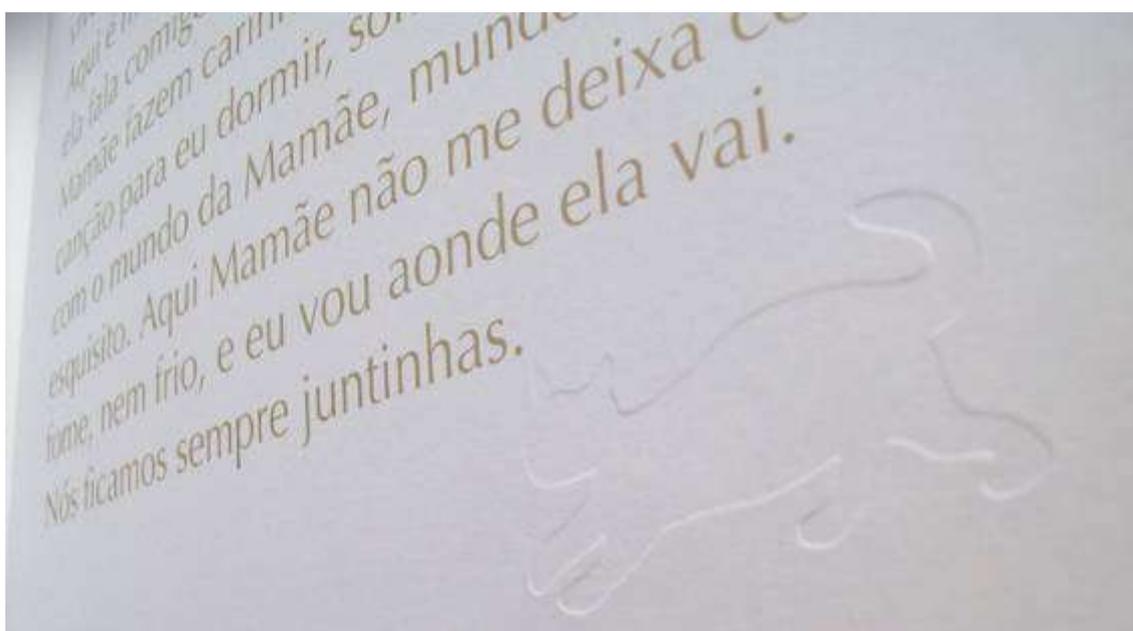
Anexo M - *De morte!*, Angela Lago



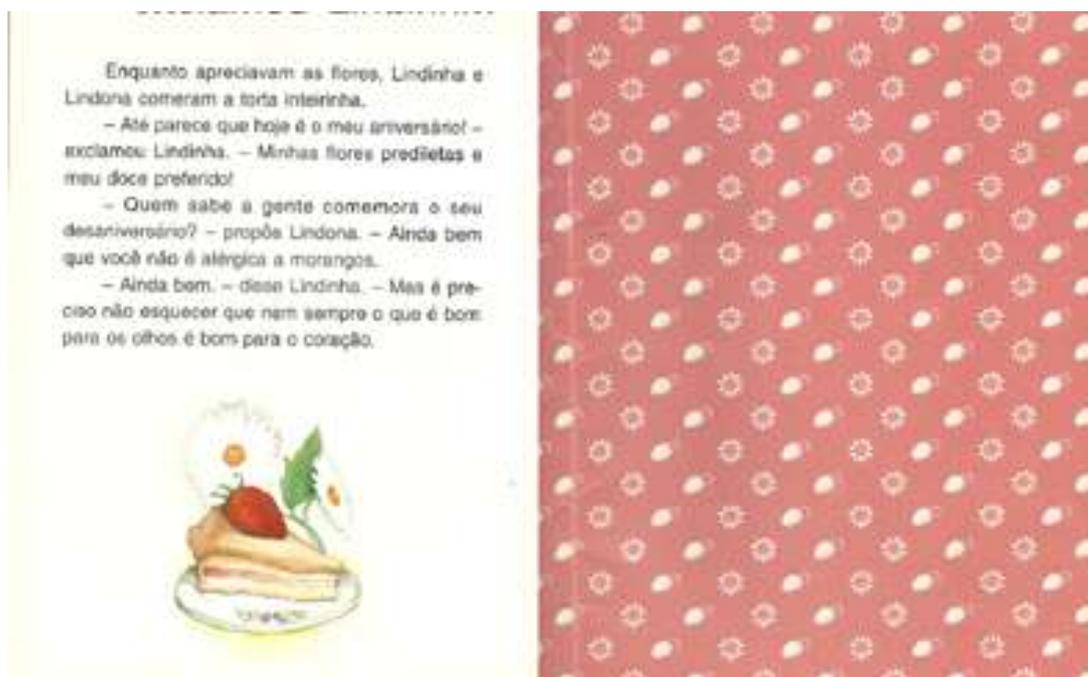
Fonte: LAGO, 1992, s.p

Anexo N - *Toninho no caminho*, Canini, s.p.

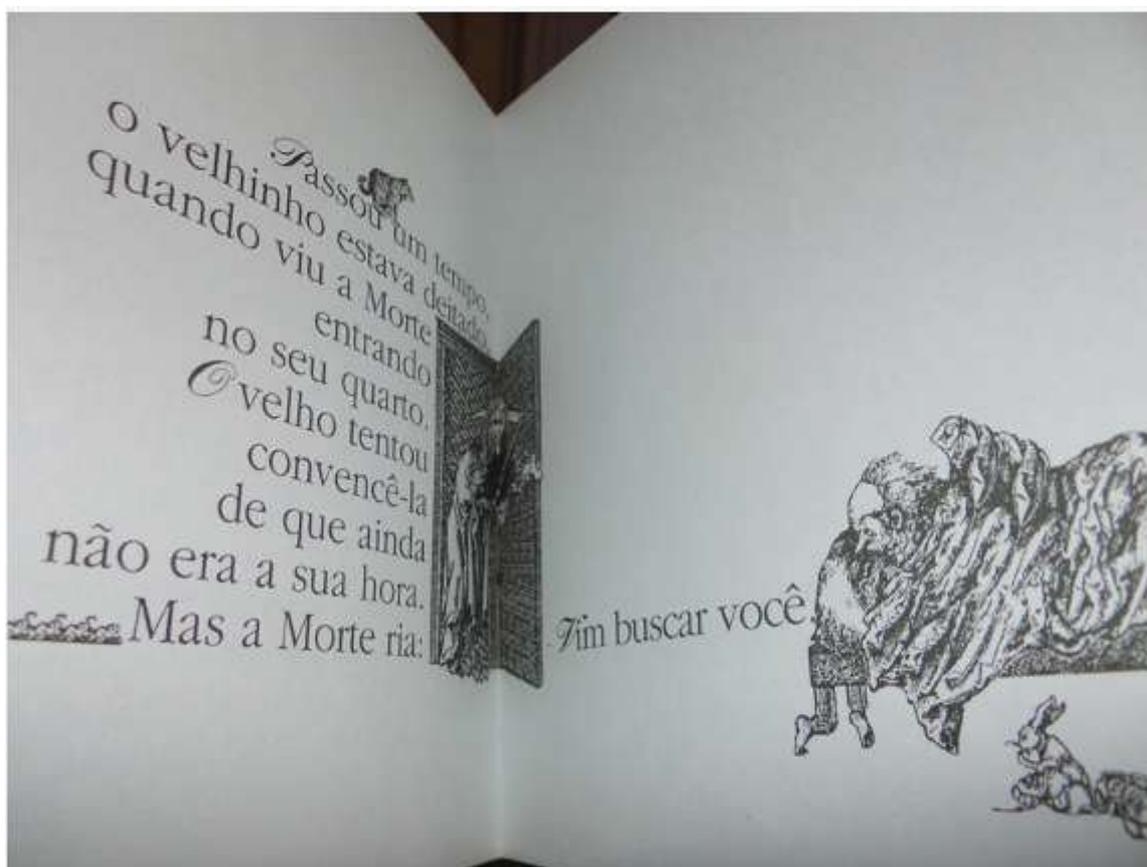
Fonte: CAMARGO, 1995, p. 37

Anexo O - *Layla*, Angela Lago

Fonte: <<http://www.fakefake.com.br/site/2012/03/20/o-branco-que-mete-medo/>>

Anexo P - *Morangos e margaridas*, Andréa Vilela

Fonte: CASASANTA, 1999, p. 20.

Anexo Q - *De morte!*, Angela Lago

Fonte: LAGO, 1992, s.p.

Anexo R - Zoo, 2008, Roger Melo



Fonte: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-115004/pt-br.php>>

